

# DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

AS VIRGENS  
DO  
DRÁCULA



L P BACAN



# AS VIRGENS DO DRÁCULA

**L P Baçan**



**Edição Eletrônica: L P Baçan**

**All rights reserved**

**Copyright © 2017 do Autor**

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.**

**Venda Proibida.**

**2017**

livro um

## AS VIRGENS DO DRÁCULA

### CAPÍTULO 1

A terrível seca que se abatera sobre o vale de Tisza trouxera desolação e desespero aos seus habitantes. O rio, antes a esperança de fertilidade daquelas terras, assemelhava-se, agora, à sua própria destruição.

A poluição o matava pouco a pouco. Era como um animal em decomposição, cujas carnes antes exuberantes e musculosas, agora murchavam, revelando os contornos do esqueleto, secando gradativamente, comido pelos vermes.

Do verde que antes cobria o vale, estendendo-se para oeste, na direção das regiões montanhosas, restava agora um amarelo caminhando rapidamente para o branco, à medida que o sol inclemente sugava, dia após dia, o que restava de vida naquela vegetação.

O vento, que aumentara de intensidade no princípio de agosto, atingia, em meados de setembro, a proporção de um hálito infernal que soprava constantemente sobre as terras do vale, quando o filho do demônio caminhava livremente pelas veredas do vale, em busca de suas vítimas.

Nas tavernas, à noite, o assunto predileto deixara de ser a política. As malhas da superstição começavam a se estender lentamente, prendendo almas e tolhendo-as, como uma espécie de sufocação que viesse daquele vento maldito que se abatia sobre todos.

Velhas histórias lembrando semelhanças entre os tempos começaram a ser desencadeadas e o medo uniu-se a fervor místico. O pavor parecia

ocultar-se na menor sombra da noite, no piar de um pássaro caído de seu ninho, no cobrir da luta por uma nuvem mais extensa.

Em algumas casas os mais antigos ressuscitavam antigas práticas e juravam já haver vivido aquele tempo. Suas vozes roucas, embarcadas por um medo que transformavam seus corpos em caniços ao vento, mencionavam o filho do Diabo, o Príncipe das Trevas, cuja forma onipresente fizera cair sobre o vale uma maldição indestrutível, bíblica, que o passar do tempo jamais afastaria.

Ela estaria ali, sempre presente, adormecida, à espera de ressuscitar e reviver o antigo medo.

Os jovens, no entanto, livres do cansaço do trabalho, viam em tudo aquilo apenas um tempo de transição.

O verão intenso se tornava ótimo para as diversões, os jogos, os namoros. Havia sempre um local aprazível ainda no rio; havia sempre a promessa de uma lua enorme no céu, convidando seus corpos a se encontrarem nas veredas, nos bosques, nos celeiros, contagiados por aquele frenesi voluptuoso que o vento mediterrâneo punha em seus corpos.

Alguns, mas ousados, aventuravam-se nas proximidades do castelo abandonado, desprezando conselhos já gastos, dando de ombros às recomendações que saíam trêmulas das bocas dos velhos.

Era apenas uma construção semi-destruída pelo fogo. A ponte levadiça, parcialmente queimada, cobria o fosso agora seco, já que as nascentes que o enchiam de água haviam sido desviadas para banhar os campos mais próximos.

O fogo destruirá algumas estruturas. Parte das torres havia tombado, mas as altas e íngremes paredes de pedra, com suas pequenas janelas, ainda permaneciam incólumes, desafiando o tempo e impondo-se com a mesma força e o temor que sugeriam.

Recortando contra o céu, o esboço do castelo assemelhava-se à arcada dentária de um estranho e terrível animal, de presas pontiagudas e dentes desiguais, mordendo constantemente o infinito.

Grossas e velhas correntes ainda prendiam os travessões da ponta levadiça às paredes do castelo. Caminhar por aqueles travessões era uma temeridade que alguns ousavam enfrentar, apenas para gozar a tranqüilidade e o isolamento do enorme pátio de pedras quadradas.

Ali um casal podia permanecer por muito tempo longe dos olhos curiosos de qualquer um, ouvindo o vento assobiar pelas janelas quebradas, deliciando-se com estranhos ruídos que o sol forte provocava sobre a madeira ressequida e antiga.

Alguns ainda ousavam ir mais longe, atravessando o pórtico de pedra, encimado por um brasão já coberto pela ferrugem. Entravam, assim, numa ampla e velha sala. Restos das cortinas ainda pendiam nas janelas e davam a impressão de que apenas um vento mais forte seria o bastante para desfazê-las em pó.

Os móveis quebrados e velhos lembravam um tempo de luxo e requinte. Braseiros de cobre jaziam intocados. Velhos castiçais incrustados nas paredes de pedra estavam gastos pelo tempo.

A poeira cobria tudo isso com um manto. Ratazanas enormes circulavam apresadas, assustando as garotas e fazendo-as se agarrarem aos namorados. Teias enormes penduravam-se por toda parte. Em seus centros, preguiçosas se imóveis, descansavam aranhas peludas e negras à espera de insetos.

A parte superior do castelo era impraticável. O fogo destruíra as escadarias e deixara manchas negras nas pedras outrora polidas.

Nos calabouços escuros que avançavam para o interior da terra ninguém se aventurava a entrar, embora muitos houvessem planejado isso.

Era uma aventura horripilante demais descer sequer alguns degraus da escada que levava ao interior, congelando a mais ardente das coragens.

Parecia haver, na voz do vento, um alerta, um lamento, um grito de pavor. Muitos ainda circulavam por ali, excitando-se no gosto da aventura, mas unânimes naquela sensação que invadia seus corpos e que nem os momentos de idílio conseguiam superar.

O castelo assustava, mas atraía os mais corajosos, os mais apaixonados, que desprezavam aquela ameaça vezes sem conta e buscavam nele o local onde ocultar seus amores apressados e impacientes.

\*\*\*

Kizna era uma cidade pequena, no centro privilegiado daquele vale.

A agricultura era a única fonte de rendas e a seca parecia mergulhar a cidade num desânimo total, num desespero uníssono que despertava aquele pavor que crescia gradativamente, como se no fundo de cada uma das almas dali houvesse, ainda que furtiva e oculta, uma premonição a respeito do que poderia vir em seguida.

Os homens não iam agora para as lavouras. Ficavam na cidade, às portas das tavernas, bebendo e conversando, olhando o céu com desalento.

Nas cavernas veladas, quando alguém ia um pouco mais fundo naquele temor íntimo e comum, os olhares se voltavam na direção do castelo, como se ali estivesse toda a explicação de que precisavam.

Uma sensação de impotência, então, invadia a todos e apenas podiam temer e esperar. Era apenas uma velha história, talvez uma lenda criada há muito tempo para assustar as crianças mais peraltas.

A verdade, porém, era que aquilo fazia parte de suas vidas agora. Muito tempo se passara, mas aquilo que se abatera sobre o vale era tido como certo e ainda despertava o mais mortal dos temores.

Os velhos lembravam as desgraças, as mortes estranhas, e sanha assassina que vagava como uma sombra pelo vale, sugando vítimas

incautas, até que fosse silenciada, aprisionada para a eternidade e consumida pelo fogo que havia sido ateadado ao castelo.

A ameaça não fora extinta, nunca estivera extinta e todos sentiam isso. Permanecia ali, inatacável, nas muralhas irregulares e semi-destruídas do castelo.

Muita coisa acontecera depois daquilo. Viera a guerra e a invasão nazista. A maioria das casas que ostentaram um dia em suas fachadas as marcas daqueles tempos haviam sido reformadas. Poucas ainda guardavam as lembranças de balas e estilhaços que haviam ferido um dia suas estruturas.

Todos, porém, pareciam ter, guardada no fundo de suas mentes, aquela maldição que para sempre pairava sobre o vale, outrora abençoado pela fertilidade trazida pelo rio. A desgraça pairava sobre as lavouras verdejantes.

O mês de setembro avançava lentamente dentro daquele mormaço, à espera das chuvas. O temor acentuava-se dia após dia, quando aquelas carroças coloridas entraram na cidade, os cascos dos cavalos executando uma rítmica melodia que ecoava pelas casas e trazia o povo às portas e janelas.

Diante das tavernas, ainda com seus copos de bebidas nas mãos, os homens olhavam. Ciganos coloridos, belas mulheres, homens viris, imponentes animais com guizos que acompanhavam o bater dos cascos no calçamento, pequenos pandeiros com fitas multicores que se harmonizavam com violinos tocados aos solavancos.

Uma repentina metamorfose operou-se na cidade, tirando-a daquele desânimo, daquele desespero. O espírito festivo despertou dentro de cada um. A alegria pareceu voltar aos rostos de todos e as preocupações com a seca se foram, na festa trazida pelos ciganos.

Estes, em suas carroças, procuravam cativar a população, ganhando-lhes a simpatia, preparando terreno para seus negócios futuros.

Os condutores exibiam largos sorrisos e acenavam. As mulheres cantavam, agitando-se sensualmente, os corpos ondulando com uma graça cheia de fascínio e veneno.

Na última das carroças, no entanto, havia um homem cujos olhos não se moviam inquietos de um lado para outro e cujos lábios não se abriam em sorrisos.

Fechando o cortejo, nem era notado por sua imobilidade. Seus olhos, pálidos e inexpressivos, olhavam para além dos telhados das casas, na direção do castelo. Seus lábios se apertavam num ricto de impaciência. Seu corpo disforme era uma aberração da natureza.

Uma corcunda deformava-lhe as costas projetando sua cabeça para frente e para o lado. Sentado na boléia, manobrando as rédeas, seu corpo dava a impressão de que tombaria para frente a qualquer momento.

Uma de suas pernas apoiava-se contra o travessão do freio e isso parecia dar-lhe o equilíbrio necessário. Seu rosto impassível não apresentava o menor traço de vida. Parecia talhado em pedra, com um dos olhos semi-cerrado que o forçava a olhar tombando de lado a cabeça.

Ninguém viajava em sua carroça fechada. Sua passagem não foi notada, já que as belas mulheres, de roupas soltas e cabelos esvoaçantes chamavam a atenção dos homens, enquanto os jovens viris, de coletes abertos nos peitos cabeludos e másculos, tentavam as garotas e mulheres, levando-as sonhos de inquietação e volúpia.

Todo o clima da cidade alterou-se os comentários a respeito dos ciganos contagiaram a cidade. Alguns seguiram a caravana até onde acamparam, num dos poucos pontos onde o rio Duna ainda oferecia alguma beleza.



As crianças quedaram-se à distância, observando a montagem das barracas, temerosas de se aproximarem, mas curiosas a respeito a respeito daquela gente cuja vida era sinônimo de aventura e emoções.

Quando a noite chegou, fogueiras foram acesas para que todas as barracas fossem montadas. Depois, uma alegre festa teve início, com o som de violinos e pandeiros varando a noite e atraindo os moradores da cidade, contagiando-os em sua alegria, afastando seus temores da noite.

Em bandos, deixavam as casas e tavernas e iam para o acampamento dos ciganos, observá-los, aceitar os convites para dançar e beber do mesmo vinho que eles bebiam.

Alguns negócios foram iniciados. Os cavalos ciganos chamavam a atenção, impunham-se pela força e pelo vigor.

\*\*\*

Um bando de garotas inquietas dirigia-se para o acampamento dos ciganos. Conversavam alegremente e todas revelavam uma excitação incomum.

— Nadji! — chamou um rapaz, deixando a taverna e correndo no encalço delas.

Uma bela morena voltou-se para ele, os olhos grandes e expressivos brilhando, os lábios sensuais e carnudos sorrindo alegremente ao ver quem se aproximava.

— Olá, Baja! Por onde tem andando? — indagou ela e sua voz era deliciosamente modulada, revelando que entre ela e o rapaz existia algo especial e carinhoso.

Ele se aproximou e parou diante dela, ofegante, devorando-a com os olhos. Por algum tempo observou as linhas bonitas de seu rosto, a curva sensual do pescoço que avançava para os ombros quase nus, o vale perfumado dos seios anunciado no decote generoso da blusa que ela vestia.

— Estive em Karcag... Fui vender alguns cereais da última colheita...

— Quando voltou?

— Ao anoitecer — respondeu ele, com certa impaciência, já que seus olhos revelavam o desejo de que falassem e agissem de outra forma.

As garotas que haviam parado olhavam, agora, o casal com sorrisos cúmplices nos lábios. Alguns comentários fizeram-nas rir.

— Vai ficar, Nadji? — indagou uma, com voz maliciosa e brincalhona.

Nadji olhou para Baja. Fazia algum tempo que não se viam. A noite estava agradável, o som daqueles violinos pareciam provocar uma estranha e deliciosa comichão em seus nervos, sensibilizando todo o seu corpo.

— Por que não vamos ao nosso local predileto? — propôs ele, estendendo a mão e tomando a dela.

Apertou-a com uma ligeira febrilidade, sentindo as formas finas e deliciosas daqueles dedos, como que ensaiando uma carícia sugestiva que ela entendeu. Seus olhos brilharam mais forte, tentadores.

— Podem ir... Eu vou em seguida — gritou ela para as amigas, que se afastaram em comentários e risos.

— Sim, Baja! — sorriu ela, submissa, afastando-se dele rapidamente.

Por algum tempo Baja ficou vendo-a afastar-se, depois, tomando fôlego, correu para sua casa. Apanhou, em seu quarto, uma felpuda e confortável manta de lã de carneiro e dobrou-a, jogando-a sobre os ombros. Depois desceu para a rua e caminhou rapidamente para fora da cidade.

Não longe dali, Nadji apoiava o corpo sensualmente ao tronco de uma árvore, enquanto olhava o castelo. A lua brilhava no céu limpo e o som daquela música cigana provocava intensa volúpia em seu corpo jovem.

Subitamente ouviu um ruído e se voltou. Um sorriso estampou-se em seu rosto e ela abriu os braços para receber Baja. Ao invés disso, uma sombra grotesca deslizou, atravessando a estrada, fazendo com que seu sangue gelasse nas veias e uma vertigem abalasse todo seu corpo.

Tentou gritar, mas apenas um grunhido assustado escapou de seus lábios, chamando a atenção do estranho vulto, que estacou e olhou na direção da garota.

Nadji levou a mão aos lábios e encolheu-se toda, enquanto aquela sombra na margem da estrada a olhava indefinidamente, estática, o clarão da luta revelando as formas medonhas de seu corpo retorcido.

A garota cobriu os olhos e recuou, resvalando no tronco e tropeçando numa das raízes, desequilibrando-se.

Ouviu o som de passos apressados se aproximando e tentou se por em pé.

— Não! — disse ela, firmando-se à árvore e tentando correr.

Duas mãos fortes enlaçaram seu corpo e dedos firmes comprimiram seus seios. Um hálito quente pousou sobre seu pescoço, fazendo-a arrepiar-se e debater-se, presa de incontrolável pavor.

— Nadji, sou eu! — disse Baja, soltando-a.

A garota avançou tropegamente alguns passos, depois estacou, reconhecendo a voz e se voltou, olhando o namorado como se duvidasse da presença dele naquele momento.

— Baja — murmurou, num fio de voz.

— O que houve? — indagou ele, surpreso pela reação da jovem.

— Baja! — exclamou ela, correndo lançar-se nos braços dele e apertar-se contra o corpo do rapaz como se desejasse fundir nele aquele medo incontrolável que ainda a fazia tremer.

— Você está tremendo, Nadji! — observou ele. — Eu a assustei? Não foi minha intenção — disse o rapaz, segurando-a pelos ombros e afastando-a para olhá-la.

Nadji soltou-se dele e olhou na direção da estrada onde vira aquele vulto assustador. A estrada estava vazia e a presença da lua fazia tudo parecer poético.

— Não viu nada quando se aproximou? — indagou ela, voltando-se para ele.

— Não... Alguma coisa a assustou? — O que foi?

— Não sei — gaguejou ela. — Ali, naquele ponto da estrada... A coisa mais estranha que já vi... Um homem todo disforme... Um monstro, Baja!

Baja começou a rir do espanto da garota e isso a ofendeu. Nadji olhou-o com severidade. Ele tentou conter seu descrédito.

— Falo sério, ouviu?

— Sim, claro... Não teria sido isso o que a assustou? — indagou ele, apanhando a manta e jogando-a às costas.

Em seguida correu até o centro da estrada. O vento agitou a manta, criando um estranho efeito que fez Nadji arrepiar-se. Teria sido aquilo o que vira?

— Eu sinto muito, querida — disse ele, retornando para junto dela.

Tirou a manta dos ombros e jogou-a sobre a relva ressequida. Em seguida ajoelhou-se sobre ela e estendeu as mãos, tocando as mãos da garota.

Nadji olhou mais uma vez na direção da estrada. Depois, as mãos de Baja pousaram sobre suas coxas, iniciando uma carícia que desceu até os tornozelos da garota.

— Venha! — pediu ele, as mãos voltando a subir pelas pernas dela, agora em contato com sua pele.

Lentamente subiram até os joelhos torneados. A pele de Nadji era aveludada e quente, convidativa, sensual, voluptuosa.

Dos joelhos para cima a cautela tomou conta dos movimentos das mãos dele. Nadji fechou os olhos, ainda em pé, e concentrou-se naquela carícia que avançava na direção de seu ventre.

Os dedos de Baja enroscaram-se na finíssima calcinha usada pela garota. Lentamente puxaram-na para baixo, até que ela repousasse sobre os pés femininos e delicados da garota.

— Venha! — suplicou ele, a voz rouca pela paixão, as mãos se estendendo num convite irrecusável.

Nadji moveu os pés com graça, deixando para trás a peça íntima e subindo para a manta. Lentamente ela se ajoelhou diante dele.

As mãos de Baja estenderam-se, tocando os cabelos dela, escorregando para o seu pescoço, depois para seus ombros e, finalmente, comprimindo lentamente e riçar rapidamente os bicos apetitosos.

— Baja, alguém pode nos ver aqui — disse ela, num sussurro, os olhos observando a estrada.

— Quer ir até o castelo? — indagou ele, imóvel por instantes, olhando-a direto nos olhos que cintilavam, refletindo maravilhosamente o brilho da lua.

A garota levantou os olhos para a construção semi-destruída. As mãos dele subiram então para o rosto dela numa carícia cheia de ternura que roubou a vontade da garota. Alguém poderia passar, alguém poderia vê-los e isso pareceu tornar tudo mais excitante dentro dela.

Suspirou e estremeceu, contagiada pelo toque carinhoso daquelas mãos. Os dedos dele, então, buscaram os botões da blusa dela, soltando-os um a um, livrando aqueles seios jovens que, à luz da lua, ostentavam uma beleza pálida terrivelmente sedutora.

Eram ligeiramente arredondados, com os bicos róseos destacados e empinados agressivamente, como que se oferecendo aos lábios dele.

Baja inclinou lentamente a cabeça. Seu hálito ardente varreu o peito da garota, provocando estremecimentos de paixão.

Algo, então, cresceu dentro da noite, sufocando a música cigana. Algo estranho, como um ronco que viesse das profundezas da terra e amedrontasse toda a natureza.

Os dois jovens olharam incontinentemente na direção do castelo. Um estrondo maior, como se qualquer coisa desabasse, fez Nadji agarrar-se a Baja, a excitação substituída pelo medo.

— O que foi isso, Baja? — indagou ela, em voz baixa, muito baixa, como se temesse ser ouvida por alguém ou alguma coisa.

— Não sei... Qualquer coisa ruiu no castelo...

Nadji olhou na direção da estrada e tentou se lembrar daquele vulto que a atravessara. A direção tomada seria a do castelo. Ela estremeceu.

— Vamos embora, Baja. Estou com medo...

— Ora, querida... Está bem — atendeu ele, percebendo o medo que a dominava.

## CAPÍTULO 2

No acampamento cigano, a música cessou repentinamente e todos se olharam, intrigados com aquele ruído estranho e algo assustador.

Os olhares se voltaram — então, na direção do castelo, de onde parecia vir o barulho.

Um silêncio pesado, palpável, espesso pairou entre as fogueiras iluminando rostos apreensivos, como se todos desencavassem do mais fundo de suas almas aquelas velhas e terríveis lembranças.

Novamente o ruído se repetiu, como um grosso arrastar de troncos sobre a terra, avolumando-se de maneira impressionante e ameaçadora, fazendo corpos se arrepiarem.

— As chuvas... — disse alguém, quebrando o silêncio.

— As chuvas estão chegando! — ajuntou outro, quando o primeiro relâmpago, ao longe, recortou contra a noite o perfil desigual do castelo maldito.

— As chuvas! — gritavam todos, as vozes unidas num uníssono aliviado e feliz.

A música retornou, agora mais frenética que antes. O vinho circulou mais rápido; as vozes se alteravam, contagiadas pela euforia comum.

A existência de uma maldição foi esquecida e a cidade de Kizna saiu às ruas para comemorar e agradecer aos ciganos, portadores de boa sorte que haviam chegado trazendo as chuvas de que as terras precisavam para ressurgir verdes e produtivas.

A agitação aumentou à medida que os trovões aumentavam de volume, como tambores ensurdecedores ecoando pelo céu. Uma forte tempestade se aproximava. Os raios se sucediam numa seqüência alucinante.

Grossas nuvens avançavam pelo céu, cobrindo a lua. Um vento com forte cheiro de chuva e terra molhada começou a soprar, a princípio fracamente, aumentando vertiginosamente em seguida até se tornar uma forte ventania que jogava longe as fagulhas das fogueiras e fazia agitar com força as cobertas das barracas.

O pessoal dispersou-se, retornando a suas casas. As primeiras gotas de chuva começaram a tamborilar sobre os telhados e sobre as pedras do calçamento. A tempestade chegava rápido, com os raios dançando no céu, trovões se unindo num coro assustador que ecoava pelo vale.

Trancados em suas casas, ainda ofegantes pelas manifestações de alegria, os habitantes de Kizna tinham apenas com que se alegrar. A chegada da chuva significava o fim da aridez da terra.

Logo o verde voltaria a se espelhar pelo vale e na euforia de novas e grandes produções todos afogariam o medo que, durante algum tempo, oprimira seus corações.

O castelo voltaria a ser desprezado e sua ameaça seria apenas aquela sensação adormecida dentro de todos ignorada pela ocupação do trabalho duro que viria.

A relva ressequida que circulava a cidade, margeava a estrada e subia as pequenas encostas sorvia avidamente a água que caía.

Pequenas torrentes se formavam, unindo-se a outras como elos de uma corrente caudalosa que rumava para o rio, onde engrossá-lo e devolver-lhe, por algum tempo a exuberância perdida.

Pelas paredes das casas, lavando a poeira acumulada e o medo renascido nos dias de espera, a chuva batia empurrada pelo vento, forçando janelas e portas, despencando pelos beirais do telhado em pequenas cascatas barulhentas.

Todos dormiriam em paz naquela noite, com o barulho da chuva soando como a mais promissora das melodias. No acampamento cigano,



precariamente protegidos em suas barracas agitadas pelo vento, homens e mulheres continuavam sua diversão.

No castelo amaldiçoado, a chuva escorria pelas altas paredes, penetrava pelas janelas abertas, molhando móveis e restos de tecido, fazendo acentuar-se aquele cheiro desagradável de mofo.

Pelas ameias semi-destruídas, a água jorrava, cortando a noite e indo se acumular no fosso, devolvendo-lhe a aparência do que fora um dia.

Os trovões ecoavam lugubrememente por entre as muralhas de pedra. Os relâmpagos iluminavam fantasmagoricamente aquele cenário de desolação.

Ratazanas se ocultavam assustadas e até as aranhas pareciam se agitar em suas telas, incomodadas pelos respingos. Qualquer coisa viva se movia por entre os móveis.

Um relâmpago mais forte iluminou o interior da ampla sala, o bastante para recortar contra uma das paredes o vulto grotesco que caminhava apressado, levando em suas mãos, com dificuldades, um braseiro aceso.

O vento agitava as chamas ameaçando apagá-las e o vulto procurava protegê-las com uma das mãos, enquanto seu corpo caminhava em pequenos saltos.

Por instantes ele estacou no centro da sala, imóvel como os objetos encarquilhados que o rodeavam. As chamas do braseiro atingiram uma enorme teia de aranha.

O peludo animal debateu-se, solto no ar, indo despencar sobre o braço do corcunda. Por momentos ele olhou-a, depois estendeu a mão e os dedos em pinça tomaram a aranha e levaram-na para cima do braseiro.

As pernas peludas se debateram assanhadas pelo fogo. Um riso sinistro desenhou-se nos lábios do homem. Ele soltou a aranha sobre as brasas. O animal debateu-se desesperadamente, os pêlos de seu corpo brilhando e se encolhendo, espalhando um odor desagradável.

No momento, seguinte, a aranha estava imóvel e seu corpo se enchia até ser confundido com as brasas. O homem olhou, então, ao seu redor. Parecia ansioso e confuso, como se procurasse algo.

Seus olhos, então, se dirigiram para a porta do calabouço, iluminada momentaneamente por um relâmpago. Saltitando, como se uma de suas pernas não pudesse sustentar o peso de seu corpo disforme, ele rumou até a porta.

Ergueu o braseiro, tentando encontrar alguma coisa na parede. Havia apenas uma mancha antiga, outrora vermelha, possivelmente.

O corcunda olhou ao seu redor. Viu a cortina em pedaços numa das janelas. Foi até lá e puxou-a. A água acumulada respigou-o, enquanto a cortina despencava.

Ele rasgou um pedaço do tecido envelhecido e retornou até a entrada do calabouço. Ergueu precariamente um dos braços e esfregou o pano molhado naquela mancha.

O tecido esfiapava-se em suas mãos, num trabalho inútil. Voltou a levantar o braseiro, tentando ler a inscrição que ali havia, mas o fogo e o longo tempo que se seguiu a haviam tornado ilegível para sempre.

Ele olhou ao seu redor, como se certificando de que não havia outro lugar a ir. Depois, hesitante, introduziu o braço na abertura.

As chamas se agitaram mais forte e um ruído sinistro pareceu erguer-se de algum ponto da construção. O corcunda hesitou por instantes ainda, depois desceu a escada lentamente, até um corredor úmido, por onde começou a caminhar.

Enormes ratazanas fugiam a sua aproximação. Velhas tochas presas às paredes chamaram a sua atenção. Aproximou o braseiro de uma delas e viu-a acender-se sem muita dificuldade. Foi repetindo a operação, enquanto caminhava cautelosamente pelo corredor, fazendo arder as sucessivas teias de aranhas que fechavam a sua passagem.

Logo à frente do caminho se bifurcava. Ele estacou, olhando com indecisão as duas passagens.

— Satã sempre esteve à esquerda de Deus! — grunhiu ele, tomando o caminho da esquerda.

A umidade que ao longo dos tempos escorrera por aquelas paredes frias parecia agora, quase febril, como se reconhecesse aquele caminho e estivesse próximo do que procurava.

Chegou diante de uma porta. Havia nela pedaços de madeira que outrora poderiam ter sido uma cruz. Ele olhou a fechadura arrombada violentamente um dia, há muito tempo. Empurrou a porta e entrou.

Por algum tempo ficou parado, os olhos inexpressivos olhando direto para o centro daquele aposento. Depois, lentamente, ele olhou ao seu redor.

Havia tochas por todo aquele aposento sinistro. Ele acendeu uma a uma, como se precisasse de toda a luz para encontrar o que desejava.

Quando terminou, repousou o braseiro perto da porta, olhando para o centro do aposento, onde havia, em pedra, uma espécie de jazido elevado. A pesada pedra que o cobria havia sido afastada para o lado.

O corcunda se aproximou lentamente, solenemente e se debruçou. Sua sombra se projetou no interior do túmulo. Ratazanas, aos saltos, abandonaram o local, assustado-o.

Ele retomou o fôlego e voltou para junto do jazido, olhando o que restava do antigo colchão de cetim e do travesseiro pequeno.

Sorriu e suas mãos afastaram pequenas crias de ratazanas que guincharam revolvendo-se como vermes num cadáver. Eram muitas e tentavam se equilibrar sobre as fracas patinhas.

Impaciente, ele agarrou uma porção delas e jogou-as para longe, contra a parede. Voltou a apanhar outro tanto e a repetir o mesmo gesto, com visível satisfação.

Na terceira vez, no entanto, pareceu sentir algo ante seus dedos. Correu para junto do braseiro e abriu lentamente a mão. Os ratinhos se debateram e foram caindo um a um sobre as brasas.

Um odor enjoativo espalhou-se pelo ambiente, mas isso pareceu não incomodar o corcunda. O que pareceu importar para ele era apenas o anel que restara em sua mão, com um rubi enorme que parecia conter todo o fogo que ardia ao seu redor.

Por um longo tempo ele ficou ali olhando a jóia, seu curioso desenho em forma de cabeça de morcego de um olho só, onde se engastava aquele rubi enorme e impressionante.

Depois ele apertou o anel em sua mão, levantando os olhos para o teto descorado e manchado até o túmulo de pedra e se inclinou sobre ele, examinando o pequeno travesseiro.

Ao toque de sua mão, o que restava do tecido se desfazia em poeira. O travesseiro estava todo desfeito, comido pelos ratos. A terra que havia em seu interior espalhava-se, misturada aos excrementos daqueles animais.

O corcunda retirou um pequeno saco de couro de um de seus bolsos, depois, com certa dificuldade, entrou no túmulo e cuidadosamente começou a recolher toda a terra, guardando-a no saco de couro.

Quando terminou, ergueu-se e olhou as duas coisas que tinha agora em suas mãos.

— O anel do Mestre! — murmurou ele, a voz gutural como o último rouquejou de um moribundo. — A terra dos Drácula, símbolo do que lhes pertence...

Em seguida deixou o túmulo de pedra e ganhou o corredor, movendo-se com pressa, como se o trabalho daquela noite ainda estivesse apenas começando.

\*\*\*

Na taverna Rio Duna os homens conversavam em voz alta, uns comentando a respeito dos benefícios da chuva, outros lembrando a beleza das jovens ciganas, seus corpos ondulados e cheios de sensualidade que pareciam convidar cada homem ao pecado.

Por algum tempo calaram-se, como que ouvindo um ruído que se sobrepunha ao da chuva. Um motor roncava lá fora. Um carro havia parado à porta.

Um deles se afastou do balcão e foi até a janela embaçada. Esfregou o braço no vidro e olhou lá fora. Um velho táxi estava parado bem rente à pequena cobertura que avançava à saída da taverna.

— É um táxi... Quem se aventuraria a viajar com um temporal desses? — indagou, olhando os outros.

Ninguém parecia ter a resposta, mas a curiosidade era unânime em seu rosto.

Enquanto isso, lá fora, no táxi, um homem magro e alto, de rosto anguloso e olhos afundados, consultava sua carteira, escolhendo as notas que passaria ao motorista.

— Tem certeza de que eles estão aqui?

— Tenho sim. Se quiser, posso esperar que entre na taverna e se certifique — disse o motorista, revelando impaciência.

— Está bem, não vejo em que lhe interessara mentir, já que estamos aqui — disse o passageiro, pagando-o. — Vai retornar ainda está noite?

— Sim, mas um pouco e o temporal tornará impraticável a estrada. A última coisa que me agradaria seria ficar nesta cidade — disse ele, olhando para frente, na direção do castelo.

— Está bem, se pensa assim — disse o passageiro, vestindo sua capa de chuva e segurando firme a alça de sua mala.

Abriu a porta do carro e saltou rapidamente para ganhar o abrigo da taverna.

Saudou o motorista e entrou, empurrando a pesada porta. Um calor sufocante recebeu-o, mas a lufada de vento que penetrou em sua companhia fez com que todos os rostos se voltassem para olhá-lo.

As chamas da lanterna parcialmente acesa num dos cantos do salão se agitaram.

— Feche a porta depressa, homem — pediu o proprietário.

O homem magro teve de fazer um pequeno esforço para vencer o vento e encostar a porta em seus batentes. Em seguida, tirou sua capa e agitou-a, indo dependurá-la perto da lareira.

Todos os olhos o acompanharam com interesse e curiosidade. Ele retornou até perto da porta apanhou sua mala e se aproximou do balcão.

— O motorista que me trouxe aqui me disse que o senhor sempre tem um quarto para alugar...

— Sim, tenho — respondeu o proprietário, agora com voz mais branda.

— Ótimo! Gostaria de ficar com ele e de ter uma refeição agora mesmo. Nada pesado, apenas alguma coisa leve que não incomode meu sono...

— Carne assada com batatas e vinho, pode ser?

— Sim, parece-me ótimo... A propósito, chegou aqui recentemente um bando de ciganos?

— Sim, esta tarde mesmo. Estão acampados fora da cidade, perto do rio...

— Excelente! — disse o homem, esfregando as mãos.

De uma das mesas próximas da lareira levantou-se o oficial de polícia. Após ter examinando detidamente o recém-chegado, aproximou-se e tocou-lhe o ombro.

— Meu nome é Klauss, sou o oficial de polícia desta cidade. Permita-me perguntar quem é?

O homem se voltou educadamente e sorriu, estendendo a mão ao outro.

— Sou o Professor Hilgenstiller — apresentou-se.

— Professor de quê?

— Em costumes, tradições, folclore, lendas, tudo que se relacione com os hábitos do povo — sorriu o professor, provocando um certo ar de suspeita do policial.

— Estou certo que deve ter um diploma...

— Tenho muitos diplomas oficiais. Freqüentei algumas escolas pelo mundo, aprendi algumas coisas e, no momento, estou interessado em pesquisar e estudar profundamente a vida, costumes e tradições do povo cigano. Foi por isso que vim para cá...

O oficial pareceu se sentir mais à vontade agora. Por momentos, talvez, temera que a curiosidade do professor estivesse voltada para um assunto que agora, com a chegada das chuvas, se tornaria incômodo e indesejável.

— Espero, então que sua estada em Kizna seja produtiva, professor.

—Kizna? — indagou o outro, ligeiramente confuso, abrindo uma caderneta que tirara do bolso. — Não estamos em Drazna?

— Drazna fica ao norte, deve ter passado pelo desvio a alguns quilômetros atrás...

— Kizna... Muito interessante — murmurou o professor, indo até a janela e esfregando um lenço contra os vidros embaçados.

Olhou lá fora, como que procurando algo. Os clarões dos raios confundiram sua visão. Ele se voltou, enquanto tirava os óculos do bolso e voltava a consultar sua caderneta.

Caminhou até junto do balcão. Procurava qualquer coisa naquelas anotações.

— Aqui está! — exclamou. — O Castelo de Kizna... Onde fica?

O oficial de polícia olhou-o com severidade, como que o repreendendo. O professor, no entanto, pareceu não perceber a reação dele. Olhou também para o proprietário do local.

— Fica naquela direção — apontou.

— É possível visitá-lo?

— Se quiser se arriscar...

— Alguém por aqui ainda se lembra da velha lenda? Gostaria de falar sobre...

— Professor — chamou Klauss.

— Sim?

— Professor, somos uma gente pacífica, mas vítima fácil da superstição e do medo. Relembrar certas coisas pode ser doloroso à memória de alguns... Assim, deve compreender que certas coisas devem permanecer intocáveis...

— Refere-se ao castelo, à lenda ou aos velhos da cidade, senhor? — indagou o professor.

— Refiro-me a tudo isso, professor.

— Não creio que haja mal algum em investigar, apenas. Talvez muitos queiram, afinal, saber se, na verdade, houve um certo Conde...

— Não pronuncie esse nome, professor — pediu o homem ao fundo do salão, benzendo-se.

— E por que não? — retrucou o professor.

O homem se levantou, olhou ao seu redor, depois foi apanhar e vestir apressadamente sua capa de chuva. No momento seguinte deixava o local.

— É como eu disse, professor — falou Klauss.

— A mesa está servida, professor — disse o taverneiro.



### CAPÍTULO 3

Por momentos sobreveio uma calma.

A tempestade cessou e um silêncio opressor pairou sobre o vale, quebrado apenas pelo escorrer das bicas nos beirais das casas e pelas pequenas correntes que se juntavam e engrossavam, rumando para o rio.

O vento, então, soprou alto, lúgubre, vergastando troncos ressequidos de árvores, penetrando pelas frinchas das casas.

Depois, novamente a tempestade voltou a se abater com a intensidade inicial, cobrindo todo o vale.

O corcunda aproveitara o momento de calma para atravessar o fosso e agora caminhava na direção da cidade, o corpo em constante desafio às leis do equilíbrio, uma capa esvoaçando atrás de si, tornando ainda mais macabra sua triste figura.

Naquele momento, seu vulto, iluminado pelos clarões dos raios, lembrava uma sombra saída dos pesadelos mais horríveis dos habitantes da cidade de Kizna.

Ao se aproximar das primeiras construções, no entanto, ele estacou, imóvel por momentos. Seus olhos se voltaram para o alto campanário da igreja, visto à distância.

O corcunda sorriu, como se estivesse planejado algo que agradaria sobremaneira alguém a quem ele desejava servir da melhor maneira.

Não tomou, portanto, o rumo do acampamento cigano. Ao invés disso, esgueirou-se pela cidade na direção da igreja. Sabia que ali, ao lado, havia o cemitério, onde conviviam numa silenciosa harmonia covas rasas e simples com mausoléus imponentes.

Um deles fora construído para receber o corpo de um oficial nazista que morrera na cidade durante a ocupação. Seus amigos possivelmente tencionavam levar seu corpo para a Alemanha após a guerra, mas a derrota

daquele país permitiu que os habitantes da cidade descarregassem sua ira contra o morto.

Seus ossos foram arrancados do mausoléu e atirados ao rio. Toda a construção fora apedrejada. Mais tarde, porém, voltaram a reconstruir o que havia sido destruído e preservado o local como um monumento aos mortos da ocupação nazista.

Em seu interior havia, ainda, o luxuoso ataúde do nazista, cuidadosamente recuperado e mantido incólume ao longo dos anos.

Talvez fosse isso o que estava na mente do corcunda, enquanto chegava ao portão de ferro do cemitério e olhava o local com seus olhos inexpressivos.

O vento, naquele local, parecia assobiar uma estranha e apavorante melodia, deslizando célere por entre galhos retorcidos, penetrando pelas sepulturas, dançando ao redor das cruzes iluminadas pelos relâmpagos.

Calafrios percorreriam o corpo do mortal mais corajoso diante daquela visão apavorante. Coxeando como um estranho animal ferido, o corcunda empurrou o portão e avançou.

Os clarões constantes jogavam sua sombra sobre sepulturas e poças de água que refletiam aquela imagem que feria a natureza.

Ele se aproximou do mausoléu do nazista e, por instante ficou parado diante dele, olhando o esquife através do vidro. Sorriu, mostrando dentes desiguais. Parecia satisfeito, pois caminhou rapidamente para fora do cemitério, atravessou a cidade e tomou a direção do acampamento cigano.

Havia silêncio nas barracas agitadas pelo vento e gotejantes. Apenas os cavalos, assustados pela chuva, debatiam-se presos a uma mesma corda, estendida entre duas árvores.

O corcunda se aproximou de um dos animais que, assustado empinou, relinchando. Alguém saiu de uma das barracas próximas e, por instantes, fitou o vulto disforme que tentava reter o animal.

— Torg, seu ente amaldiçoado! — berrou a voz grossa soando acima do barulho dos trovões.

O corcunda pareceu não ouvi-lo. Suas mãos seguraram firme a corda que prendia o cavalo, puxando-a com força. O animal debateu-se. O corcunda improvisou um chicote com a ponta da corda e chicoteou o rosto do animal, berrando qualquer coisa num dialeto húngaro.

— Torg, sua alma penada! — voltou a repetir o cigano, avançando no meio da chuva. — O que pretende fazer?

— Ora, vá entregar sua maldita alma a Satanás e não me amole — gritou o corcunda, arrastando seu animal para perto de sua carroça.

O outro cigano ficou alguns instantes no meio da chuva, depois deu de ombros.

— Dane-se, corcunda imundo! — balbuciou, retornando a sua barraca.

Torg não lhe deu atenção e tratou de atrelar o cavalo à carroça. Quando terminou, saltou para a boléia e chicoteou o animal.

Momentos mais tarde, atravessava a cidade. Os cacos do cavalo batiam contra as pedras do calçamento como numa estranha e macabra canção. O barulho da chuva encobria aquele som, no entanto, e ninguém percebeu a passagem da carroça.

Torg levou-a até o cemitério. Saltou diante do patrão e apanhou uma ferramenta qualquer na carroça. Depois avançou por entre as sepulturas, pisando covas, os pés afundando-se na lama formada e dificultando sua caminhada.

Diante do mausoléu do nazista ele estacou por instantes, novamente sorrindo daquela forma estranha. Levantou a ferramenta, um pesado martelo, e bateu contra o cadeado que fechava a porta.

Ao golpe violento o metal partiu e a corrente escorregou solta pelo vidro. Os trovões pareceram estrondar com mais força. O vento pareceu clamar contra aquela profanação.

Alheio ao protesto da natureza, Torg avançou pelo mausoléu, a chuva penetrando com ele. Olhou por instantes e esqui-fe sobre uma plataforma de cimento. Verificou se estava fechado, depois agarrou uma das calças.

Lentamente trouxe para o chão o ataúde. Olhou a distância que o separava do portão, depois o esqui-fe. Parecia uma pena sujar de lama tão bela madeira, tão polidos metais. Além disso, o esforço teria de ser muito grande para arrastá-lo pela lama até o portão.

Deixou o local e foi até a carroça. Manobrou as rédeas encaminhando o cavalo na direção do portão. O animal empinou, assustado pela chuva, assustado pelo local, assustado por algum instinto secreto.

O chicote do corcunda estalou implacável sobre o dorso do animal, enquanto a outra mão firmava-se nas rédeas, impondo-se sobre a vontade e o medo.

A carroça avançou, então, passando pelo portão, esbarrando em mausoléus, derrubando cruzeiros, afundando covas rasas. O cavalo fazia um esforço desesperado para que as rodas não ficassem presas aos obstáculos.

Diante do mausoléu, finalmente, Torg saltou da boléia e abriu a porta traseira da carroça fechada. Apanhou o ataúde e levantou uma de suas pontas, depositando-a sobre a carroça.

Depois, sem muita dificuldade, fez com que ele deslizesse para dentro. Findo o trabalho, entrou junto do ataúde e, apanhando um de seus trapos, enxugou cuidadosamente a madeira, detendo-se nos metais que refletiam os relâmpagos que ainda iluminavam todo o vale de Tisza.

Levantou, então, a pesada tampa e observou o interior do esqui-fe. O cetim branco e imaculado parecia o ideal para o que ele tinha em mente.

Apanhou o saco de couro onde recolhera a terra encontrada no castelo e depositou-o dentro do ataúde, voltando a fechá-lo.

Fechou a porta da carroça e foi tomar seu lugar na boléia. Chicoteou o cavalo, deixando o local. Como se cada passo a seguir estivesse definido em sua mente, rumou na direção do castelo.

\*\*\*

O dia amanheceu nublado sobre o vale. As nuvens escuras permaneciam no céu, ameaçadoras. Poças de lama espalhavam-se pelas encostas. Na cidade, gotas ainda escorregavam dos telhados e iam se espatifar no calçamento úmido.

Quem primeiro notou o fato o sacristão, que comunicou ao padre. Este, intrigado com aquela profanação, foi até o oficial de polícia avisá-lo sobre o que acontecera. Logo toda a cidade se reunia no cemitério. Os comentários a respeito do assunto fervilhavam.

O professor Hilgenstiller acordou com o barulho lá fora. Saiu à janela e percebeu a curiosa multidão que caminhava apresada na direção da igreja.

Vestiu-se apressadamente e desceu para a rua, acompanhando as pessoas. Quando chegou ao cemitério, alguns policiais impediam a entrada dos curiosos.

—Desculpe-me, posso falar com o oficial Klauss? — indagou a um deles.

— Quem é o senhor?

— Sou o Professor Hilgenstiller, ele deve estar ansioso para falar comigo a respeito do que houve — mentiu ele.

O policial examinou por instantes o rosto franco e bondoso do homem a sua frente, depois concordou. O professor passou por ele e caminhou na direção onde estava Klauss com outros policiais.

Enquanto caminhava, o professor observava os sinais da passagem de uma carroça que penetrara no cemitério. Cantos lascados, covas afundadas e pisoteadas, cruzeiros semi-enterrados na lama.

— Desculpe-me a intromissão, oficial, mas sou terrivelmente curioso — disse o professor, enquanto o oficial o olhava com certo ar de aborrecimento. — O que houve aqui, afinal? — O que havia neste mausoléu?

O oficial talvez não conversasse com o professor naquele momento se o caso não tivesse intrigado tanto. Simplesmente não encontrava explicação para um ato tão impensado como aquele.

Olhou o professor. Havia qualquer coisa no rosto daquele homem que parecia habilitá-lo a compartilhar de um problema como aquele...

— Este era o mausoléu de...

— Oh, sim, eu já ouvi falar sobre isso — cortou-o o professor, o rosto iluminando-se. — O que levaram daí?

— O esquife...

— Como disse?

— O esquife do nazista. Um ataúde de ébano puro, como os metais de aço cromado... Não vejo em que isso interessaria alguém... É apenas valor histórico...

— Alguém entrou aí? — indagou o professor, apontando para a lama que se juntara dentro do mausoléu.

— Não, não permiti a entrada de nenhum dos meus policiais. Vou esperar que a lama seque para tentar um molde daquelas pegadas...

— Interessante — comentou o professor, tentando refazer a trilha seguida pela carroça.

Não foi difícil. Alguém entrara com uma carroça no cemitério, parando-a diante do mausoléu. Empurrara o ataúde para dentro e partira. Por que fizera isso era uma pergunta interessante, realmente intrigante.

O professor olhou, então, ao seu redor. Viu, então, pela primeira vez, o castelo. Qualquer coisa girou em sua cabeça, como um pressentimento, como uma dedução sem lógica, mas realmente fascinante.

Klauss pareceu acompanhar o olhar do professor, olhando também o castelo. Um calafrio percorreu seu corpo.

— Em que está pensando, professor?

— Em absolutamente nada... Tudo isso é muito intrigante. Por que alguém desejaria um ataúde tão luxuoso? — indagou, voltando novamente a olhar na direção do castelo.

— Acho que posso imaginar o que está tentando supor, professor, mas não há lógica, absolutamente...

— E o que estou tentando supor, oficial? — retrucou o professor, encarando-o. — Algo que também não esteja em sua mente e na mente de todos?

— É absurdo... É fantasiar demais. Estamos diante de um fato, algo concreto, com uma explicação plausível.

— Estou certo que sim — admitiu o professor, afastando-se e deixando o oficial de polícia às voltas com aquele estranho acontecimento.

\*\*\*

A notícia chegara ao acampamento cigano, interrompendo por instantes o trabalho de todos. Logo todos voltaram a seus afazeres, preparando o acampamento para receber os habitantes da cidade para os negócios que fatalmente seriam realizados.

A lama dificultava os trabalhos, mas todos se empenhavam alegremente no que faziam. Assim que o ajuntamento se desfez, um dos ciganos, Sanderv, ficara algum tempo observando a carroça de Torg, parada diante da tenda do corcunda.

As rodas cheias de lama intrigavam-no, como o havia intrigado aquela saída de Torg na noite anterior. Ninguém sabia nada da vida daquele corcunda.

Dizia-se cigano e juntara-se à caravana há algum tempo, mas seu físico horripilante o afastava do contato com os outros. Torg era umilhado

entre eles. Fazia seu trabalho, lia mãos, conhecia os segredos das linhas das mãos e era um mestre em hipnotismo.

Mas nunca se integrara aos outros. Sempre dera a impressão de um passageiro entre eles, alguém que buscava outra coisa.

Sanderv pensou em tudo isso, enquanto caminhava até a carroça do corcunda. Abriu a porta traseira e olhou em seu interior estava vazia.

Fechou-a e olhou as rodas, cobertas de lama. Foi até onde estavam os animais. O cavalo de Torg estava todo enlameado e em seu flanco havia sinais de chicotadas recentes, como se o corcunda o houvesse fustigado furiosamente.

Parou ali, por instantes, intrigado. Depois caminhou resolutamente até a barraca de Torg. O corcunda estava sentado num velho colchão, observando atentamente qualquer coisa em sua mão. Ao perceber a chegada de Sanderv, guardou apressadamente o objeto num dos bolsos.

— Por onde andou ontem à noite? — indagou Sanderv.

— Problema meu — respondeu o corcunda, secamente.

— Sou o chefe aqui, Torg. Nada deve acontecer sem o meu consentimento...

— Nada aconteceu...

— E onde foi com sua carroça?

— Colher ervas... O tempo úmido afeta-me os ossos...

— E para curar seus ossos molhou-se todo na chuva — ironizou Sanderv, apontando para as roupas ainda molhadas do corcunda, num canto da barraca.

— Não havia outra maneira. Você sairia para colher ervas para mim? — indagou o corcunda, sorrindo zombeteiramente.

— Soube o que aconteceu na cidade?

— Como vou saber?

— Alguém entrou no cemitério e roubou um esquife...



— Eu não faria isso. A não ser que o esquife fosse especial para conter a minha deformação — zombou.

— Qualquer coisa não me agrada em você. Qualquer coisa até me assusta... Às vezes penso que, para minha tranquilidade e dos outros, devemos expulsá-lo...

— Não se preocupe quanto a isso. Está próximo o dia em que os deixarei...

— Está aí uma notícia que vai agradar a todos — afirmou Sanderv, deixando a barraca.

— Quando eu os deixar, vão se arrepender disso, amaldiçoados — grunhiu o corcunda, indo até a porta e se certificando de que o outro se afastara realmente.

Depois retornou para o interior da barraca e retirou o objeto que guardara no bolso. Era o anel que encontrara no castelo. Ficou olhando para ele, enquanto o rubi parecia cintilar, rubro como o sangue fresco.

Os dedos nodosos do corcunda se fecharam sobre o anel e ele voltou a guarda-lo num de seus bolsos. Em seguida, foi até uma arca e abriu-a, revirando-a cuidadosamente, até encontrar uma pequena caixa.

Levantou-se e depositou-a sobre o colchão. Debruçou-se sobre ele, observando a prata escurecida pelo tempo, com manchas esverdeadas nas dobras dos enfeites trabalhados com perfeição.

Seus dedos tocaram o fecho, soltando-o lentamente. Com reverência e um ar solene e respeitoso no rosto, levantou a tampa e observou por instantes aquelas cinzas humanas.

## CAPÍTULO 4

O professor caminhou pela cidade, apenas observando a reação das pessoas.

Nos ajuntamentos, as palavras eram pronunciadas em voz baixa, como se a opinião manifestada pudesse escandalizar ou, possivelmente, assustar.

De um dos armazéns ele observou uma dona de casa sair. Em sua sacola de compras sobressaía réstia de alho. Talvez uma coincidência apenas, mas aquela impressão inicial ainda estava em seu espírito e a visão do castelo ao longe parecia desafiá-lo.

Pensou nos ciganos, pensou no trabalho que realizava e concluiu que poderia deixar tudo aquilo mais tarde. Um passeio até o castelo talvez o livrasse daquela sensação incomoda e afastasse definitivamente aquela suspeita um tanto apressada.

Foi até a taverna, subiu ao quarto e vestiu suas botas de cano alto, próprias para enfrentar a lama. Em seguida, deixou a cidade e tomou o rumo do castelo.

Após toda a chuva que se derramara sobre o vale na noite anterior a terra voltara a adquirir aquela coloração promissora.

Uma corrente de água ainda escorria numa das margens da estrada. Poças de água refletiam o céu cinzento e ameaçador. Os olhos do professor se fixaram, então, no sinistro traçado daquele castelo semi-destruído.

Procurou se recordar, então de todos os detalhes a respeito dos acontecimentos que, um dia, há mais de um século haviam aterrorizado o vale de Tisza, gerando uma inquietação que culminará com a invasão do castelo e a destruição de seu único morador.

O importante em tudo isso foi que, após a destruição do castelo, os crimes cessaram repentinamente, comprovando a culpa daquele que lá morava.

Lera a respeito do assunto em velhas crônicas da época, onde tudo fora um tanto fantasiado e a imaginação dos autores comprometeram a compreensão dos fatos, já que detalhes importantes deixaram de ser mencionados para que divagações fantasmagóricas tivessem lugar.

O professor Hilgenstiller era um homem de ciência, um estudioso dos costumes dos povos. Estava certo de que sempre havia uma explicação concreta para fatos tidos como sobrenaturais.

Deduzira isso quando estudara as lendas os lobisomens, sobre os zumbis. Reconhecia-se, porém, fascinado pelo vampirismo e aquela era a sua primeira oportunidade de desmistificar o assunto.

O nome de Tisza estava ligado ao vampirismo. Aquele castelo representava, talvez, o centro de tudo aquilo que se falara a respeito do assunto nos últimos tempos.

Talvez encontrasse algo substancial na biblioteca da cidade. Talvez alguns dos velhos ainda tivessem na lembrança o relato daqueles dias fatídicos.

Aproximava-se do castelo e reconhecia-se impressionado com aquelas muralhas ainda preservadas. Era um local interessante. Talvez a sua recuperação pudesse ser feita e o local transformado numa espécie de museu ou atração turística. Afinal, construções como aquelas já não eram vistas com freqüência.

Durante todo o tempo em que caminhara, preso em suas divagações, esquecera-se de observar mais atentamente a estrada. Quando deu por si, estacou, observando aquelas marcas na lama.

Uma carroça pesada passara por ali. As marcas dos cascos do cavalo estavam perfeitas ainda, como minúsculas poças de água se repetindo numa seqüência reveladora.

Apressou-se, então, rumando para a entrada do castelo. Ao se aproximar, notou a entrada e o que restara da ponte levadiça arriada.

Deteve-se diante do fosso, olhando o interior do pátio. Havia marcas de lama, denunciando a passagem de uma carroça. A um canto, algumas pranchas empilhadas.

Olhou os travessões eretos contra a muralha de pedra e concluiu que a carroça passara, quando as pranchas foram colocadas. Fosse quem fosse que tivesse visitado o castelo, após haver removido as pranchas. O fosso cheio de água, agora, impedia qualquer tentativa de se entrar no castelo.

— Muito interessante! — comentou o professor consigo mesmo.

Por que alguém teria feito aquilo? Por que alguém precisara levar um ataúde para o castelo? Por que alguém julgava importante que ninguém entrasse agora?

Essas perguntas intrigaram-no tanto como tentar imaginar como alguém poderia ter feito aquilo e retornar, após arriar a ponte levadiça. A menos que estivesse preparado para aquilo. Talvez o oficial Klauss tivesse uma boa resposta para tudo.

\*\*\*

— O que está achando de tudo isso, Baja? — indagou Nadji, enquanto caminhavam de volta do cemitério.

— Sei lá, para mim foram os ciganos. Nunca confiei nessa gente...

— E por que desejariam um ataúde?

— Sei lá... Lembra-se de ontem à noite?

— Refere-se ao barulho que ouvimos no castelo? Nem quero lembrar aquilo...

— Não me refiro àquilo. Foi tudo um engano nosso. O barulho que ouvimos foi a chuva se aproximando... Refiro-me à festa entre os ciganos. Todo mundo da cidade foi para lá. Seria fácil para um deles ir até o cemitério e roubar o esquife.

— Mas entrar com uma carroça lá dentro, atravessar a cidade com ela? Ninguém viu nada...

— Bem, talvez ele tenha dado a volta — descartou Baja, já que o assunto não tinha muito interesse no momento.

Na verdade, estava apenas interessado em recuperar o tempo e a oportunidade perdidos na noite anterior. Enquanto o céu permanecesse encoberto daquela forma, ninguém iria para os campos. Assim, ainda havia tempo para que ele e Nadji aproveitassem as últimas delicias daquelas férias breves.

No momento ele tinha em mente um celeiro abandonado nos arredores da cidade. Alguns dos jovens haviam secretamente preparado o local para seus encontros amorosos. Naquela noite, com todos aqueles comentários que circulavam, possivelmente ninguém se aventurasse a ir até lá.

Ia propor a idéia a Nadji, quando um bando de garotas se aproximou.

— Nadji, é fantástico o que acabamos de presenciar — afirmou uma delas.

— O que foi?

— Um cartomante, o melhor que já vi. Falou coisas incríveis de meu passado e do meu futuro. Disse-me que o destino me reservava um belo homem, o mais poderoso que jamais alguém teria o privilegio de conhecer... Isso me deixou eufórica.

— Realmente? Isso me deixa curiosa. O que mais você se lembra...

— Não sei, foi uma sensação estranha de paz... Ele inicia falando mansamente. Sua voz é assustadora a princípio, mas à medida que ele gira aquele anel fantástico...

— Anel?

— Sim, um anel... O melhor a fazer é ir até lá. Eu jamais poderia me lembrar de todos os detalhes... — disse a outra, realmente excitada.

— Vamos até lá, Baja. Estou curiosa! — pediu ela ao namorado.

— Ora, Nadji. É uma bobagem...

— Bobagem coisa nenhuma — cortou-o uma das garotas. — Nós seis estivemos com ele e podemos jurar que ele é surpreendente.

— Vamos, Baja. Talvez ele me diga que me casarei com você...

— É charlatanice, você verá, mas vamos lá — concordou o rapaz.

Assim que o casal se afastou, uma das garotas encarou a outra.

— Engraçado, mas ele me disse quase a mesma coisa que disse a você — comentou ela.

— Como assim?

— Bem, ele me disse que eu me uniria a um homem poderoso, talvez um príncipe e que o amaria a ponto de entregar-lhe minha própria vida...

— Será que ele nos enganou? Realmente me disse mais ou menos a mesma coisa! — ajuntou outra.

— Sendo assim, talvez apareça um sultão em Kizna, disposto a nos levar para o seu harém — disse outra, provocando risos de suas amigas.

— Não vamos falar nada a Nadji ou ela ficará uma fera conosco — propôs uma delas e juntas se afastaram.

\*\*\*

No acampamento dos ciganos a vida continuava como se nada houvesse acontecido. Os problemas com a cidade não lhes diziam respeito. O importante era que os negócios corressem bem. Muitos homens da cidade encontravam-se ali, interessados num bom cavalo, enquanto que as mulheres observavam com interesse e atenção os famosos utensílios ciganos de cofre.

Quando se aproximavam, Baja tentava ainda convencer Nadji de que tudo aquilo não passava de uma bela trapaça. A garota, no entanto, cedendo a sua curiosidade feminina, estava decidida a visitar o cartomante de que seus amigos haviam falado.

Baja, então, percebeu que não conseguiria demovê-la de seu intento e julgou, portanto, que o momento talvez fosse propício para o que tinha em mente.

— Está bem, não me oponho a que vá, mas vai me prometer uma coisa — propôs ele.

— De que se trata?

— Vai se encontrar comigo, hoje à noite, no celeiro abandonado.

Nadji estacou e levantou os olhos brilhantes e sedutores para ele. A proposta tentava-a, como uma compensação para o que não acontecera na noite anterior.

— Ontem à noite eu estava disposta a ser sua, Baja...

— Nadji...

— Sim, não queria apenas a carícia de nossos corpos nus, mas queria que você me fizesse mulher realmente. Queria senti-lo meu... Queria experimentar aquela sensação de que as mulheres mais velhas e experientes tanto falam...

— Nadji, eu prometo que...

— Não prometa nada, Baja. Talvez eu esteja nervosa demais esta noite, sabendo que... Por que não deixamos ao sabor do momento?

— Vai se encontrar comigo, então?

— Vou — confirmou ela, com decisão.

Baja sorriu e sua mão se ergueu para acariciar o rosto de sua amada. A idéia de que deixariam para trás aquelas brincadeiras excitantes e passariam a um relacionamento mais maduro fazia-o se sentir másculo, viril, crescido.

— Aquela deve ser a barraca do cartomante... Eu vou até lá ver aqueles cavalos. Talvez encontre um bom para o arado — disse ele, inclinando-se lentamente e mordiscando de leve os lábios da garota.

— Irei ter com você assim que terminar — afirmou ela, afastando-se.

Baja ficou observando aqueles quadris bem conformados, aquele andar cheio de provocação, aqueles cabelos soltos e excitantes, depois sorriu.

Nadji foi até a barraca. Arriscou olhar em seu interior. Não havia ninguém. Observou a mesa com suas duas cadeiras, um baralho Tarô. O espaço era pequeno e uma cortina enorme, escarlate, dividia a barraca.

— Há alguém aqui? Eu gostaria de... — interrompeu-se ela, quando um rosto assomou num dos cantos da cortina.

— Gostaria de conhecer seu futuro, não? — disse o homem cujos olhos eram inexpressivos, quase cinzentos, e a cabeça oscilava numa estranha posição.

— Sim, gostaria — afirmou ela.

— Sente-se, irei num minuto.

Aquela voz gutural, arrastada, provocou-lhe calafrios. Pela barraca, presos aos tecidos, havia uma porção de símbolos cabalísticos, criando o clima exato para o momento.

Nadji sorriu excitada, impaciente pela experiência. Como toda garota, ela tinha uma porção de perguntas a respeito de seu futuro.

— Torg vai surpreendê-la com suas respostas — disse o homem, afastando a cortina para passar.

Vestia uma longa capa, mas caminhava de um modo estranho, um tanto assustador, que fez com que Nadji se recordasse daquele vulto que vira na noite anterior.

Torg se sentou diante dela e, por instantes, seus olhos inexpressivos se fixaram nos olhos da garota. Lentamente ele estendeu sua mão sobre a mesa e abriu dedo após dedo até descobrir aquele misterioso anel.

Segurou-o com cuidado e levantou-o diante dos olhos, como se olhasse Nadji através dele.

Sorriu satisfeito.



— Olhe para o anel — pediu ele. — Olhe para o anel e verá seu futuro — sugeriu ele, a voz abrandando-se num tom quase inaudível.

— Pensei que... Que fosse usar as cartas — disse ela, ligeiramente incomodada por uma sensação estranha de estar sendo tomada por alguma coisa indefinida.

— Veremos isso mais tarde. Agora olhe para o anel. Nele está o seu futuro. Não é isso que a interessa?

— Sim, claro — concordou ela, fixando seu olhar naquela pedra cor de sangue que, gradativamente, ganhou uma cintilação forte, como se tivesse luz própria.

Nadji forçou um sorriso. O truque era muito bem feito, impressionava realmente, mas aquela sensação de ser invadida se acentuou, gerando um inesperado mal-estar.

— Logo estará bem, garota... Seu futuro é promissor... veja no anel... Sinta-o... Ele chama... Ele chamará na hora certa e então deixará tudo para segui-lo e dar sua vida por ele... Terá compensações maravilhosas... A eternidade será sua... Sua beleza será indestrutível... A hora de servir ao mestre das trevas, ao príncipe do mal é reservada a poucos. Você é uma das escolhidas... Deixe que a essência se aposse de você, de seu sangue... Deixe-a circular em suas veias e ganhar forças... Deixe-o devassar seu corpo como homem nenhum até hoje o fez... Entregue-lhe sua pureza... Ele a chamará em breve, esteja pronta...

O corcunda ficou-se em silêncio, os olhos fixos nos olhos de Nadji, que refletiam com intensidade o brilho sanguinolento da pedra do anel.

Lentamente baixou o anel, depositou-o sobre a mesa. Os olhos de Nadji acompanharam aquele movimento. O corcunda deixou o anel repousando sobre a madeira, depois se levantou lentamente e foi até a porta da barraca.

Olhou o céu, ainda por grossas e escuras nuvens. Naquela noite a lua cheia atingiria a intensidade propícia para que tudo fosse realizado. As nuvens precisavam ir embora. O céu precisava limpar-se para que as forças da lua exercessem toda a sua influência mágica sobre o que tinha de ser feito.

Retornou ao seu lugar e tomou as cartas do baralho. Depositou a mão sobre o anel e imediatamente os olhos de Nadji se moveram curiosos e surpresos de um lado para outro.

— O que houve? — indagou ela.

— Creio que apenas um mal-estar súbito — disse o corcunda — Sente-se bem agora?

— Sim, estou bem...

— Vamos ao seu futuro ao seu passado em primeiro lugar? — indagou ele, o sorriso alargando-se disforme em sua boca animal.

\*\*\*

O professor Hilgenstiller havia passeado pelas estantes da biblioteca municipal, sem encontrar nada que pudesse interessá-lo e que se relacionasse com o assunto que tinha em mente.

A velha senhora que atendia como bibliotecária pareceu perceber sua decepção no rosto dele.

— Nossa biblioteca já teve dias melhores, senhor, mas os nazistas destruíram muita coisa durante a ocupação... Procurava alguma coisa em particular?

— Sim, alguma coisa a respeito da cidade, de sua história...

— Algum período em especial? — indagou ela, os olhos cintilando de curiosidade.

— Os mais antigos possíveis... Sou o Professor Hilgenstiller, meu interesse é tudo que se relacione ao folclore...

— Temos alguns livros muito velhos no depósito... Há muito estamos pedindo verbas para a restauração deles. Estão se desfazendo... Talvez encontre alguma coisa interessante por lá, professor. A propósito, sou a Sr. Kossuth. Quer me acompanhar, por favor?

A velha senhora rumou para uma porta aos fundos da biblioteca. Abriu-a. Um cheiro forte de mofo e bolor chegou às narinas do professor. Uma lâmpada foi acesa, iluminando algumas caixas. O local era um tanto úmido, impróprio para se guardar livros tão antigos.

— Creio que encontrará alguma coisa interessante nesses livros, professor. Não sei como poderia manuseá-los...

— Sra. Kossuth, por acaso também sou especialista em restauração de antigos papéis. Assim, se me deixar levar tudo isso para o meu quarto, na Taverna Rio Duna, talvez eu possa retribuir sua gentileza tentando recuperar alguns desses livros. O que me diz da proposta.

— Eu poderia consultar o prefeito. Este pediria uma autorização aos... Pensando bem, talvez possamos passar por cima de toda essa burocracia, professor. Quando tenciona levar os livros?

— Eu poderia começar agora mesmo, levando uma dessas caixas — propôs ele.

— Sim, por que não? — concordou ela.

O professor escolheu a menos pesada delas, firmou-a em seus braços, agradeceu a Sr. Kossuth e deixou a biblioteca, rumando para a taverna. Quando ia para lá, percebeu o oficial Klauss encaminhando-se ao seu gabinete.

Apressou-se, então, em deixar a caixa com os livros em seu quarto e retornou, em seguida, até o gabinete do policial.

— Alguma coisa concreta, oficial Klauss? — indagou.

O policial levantou os olhos com desalento. Parecia ainda confuso com tudo o que acontecera naquele cemitério. O professor se sentou diante da mesa dele, depois o encarou.

— Estive no castelo. Há sinais de que uma carroça esteve lá na noite passada.

— Fala sério? Observou de perto?

— Não pude entrar no castelo...

— Compreendo. É realmente arriscado equilibrar-se naqueles travessões...

— Os travessões estavam recolhidos, o que comprova, então, que alguém foi até lá na noite passada.

— Está falando sério, professor?

— Eu não mentiria a respeito de um assunto tão importante, oficial — afirmou o professor.

— Nesse caso, acho bom dar uma olhada por lá agora mesmo. Quer vir comigo? — indagou com certa camaradagem.

— Não, tenho algumas coisas para ver agora — disse o professor, recusando o convite.

Naquela tarde, um carro entrou na cidade, as correntes em suas rodas batendo contra o calçamento num ruído incomodo. A carroça de Torg barrou-lhe o caminho, quase próximo da Taverna Rio Duna. O motorista buzinou com impaciência, pondo a cabeça para fora do carro.

— Vamos tirar essa coisa da frente, homem. Preciso passar! — gritou.

O corcunda chicoteou o cavalo, dando passagem ao veículo. Seus olhos, então, fixaram-se na passageira, uma jovem linda, talvez a mais linda que seus olhos inexpressivos jamais viram.

Era clara, loura como uma espiga de milho madura, olhos vivazes, pele incomum, lembrando aquelas moças que vira na Alemanha.

A garota olhou para ele, possivelmente movida apenas pela curiosidade, o que despertou certa inquietação no corcunda. Ele ficou observando a passagem do carro, depois estendeu as duas mãos diante de si.

Lentamente foi dobrando dedo após dedo, até a contagem de sete. A decepção parecia estampada em seu rosto. Ele fechou as duas mãos e deixou-se cair ao lado do corpo.

O carro avançou pela rua até diante da taverna, parando, talvez no mesmo ponto onde estacionara na noite anterior. Dentro dele, a passageira inclinou-se para olhar a construção.

— Tem certeza que foi aqui mesmo que o deixou? — indagou ela.

— A senhorita se parece muito com seu pai. Acha que eu poderia estar enganado? — descartou ele, levemente aborrecido.

— Está bem, aqui está o dinheiro. Eu mesma cuido da mala.

Ela desceu e, por instantes, olhou ao seu redor, observando todos aqueles olhos que se fixaram nela, olhando-a com curiosidade.

Firmou a alça da mala em sua mão e entrou na taverna. Sua entrada foi acompanhada com interesse e admiração pelos homens ali presente.

Aproximou-se do balcão e o taverneiro, mais que solícito, correu para atendê-la.

— Sou Larah Hilgenstiller e procuro meu pai.

— Refere-se ao professor Hilgenstiller?

— Sim, ele mesmo. Está hospedado aqui?

— Sim, está lá em cima, no quarto. Por aquela escada, não poderá errar. É a primeira porta, à direita.

— Obrigada! Sabe se ele tenciona ficar aqui por muito tempo?

O oficial Klauss que bebia com alguns amigos no outro lado do balcão, aproximou-se, deslumbrado pela beleza da jovem.

— Pretende ficar com ele, senhorita? — indagou ele.

— Sim, se houver acomodações...

— Nesse caso espero que seu pai jamais nos deixe. Estou certo que o taverneiro vai lhe providenciar o melhor quarto que possui. A propósito, meu nome é Klauss, sou oficial de polícia.

— Larah Hilgenstiller, oficial. Eu agradeço a sua gentileza — sorriu ela, rumando para a escada indicada pelo taverneiro.

Rostos inclinaram, acompanhando sua subida. A garota ganhou o corredor e parou diante da porta. Respirou fundo, depositando a mala no assoalho. Estendeu a mão e bateu na madeira da porta.

— Quem é? — indagou a voz do professor lá dentro.

Larah preferiu não responder para não estragar a surpresa e bateu novamente.

Ouviu o barulho de passos se aproximando da porta. Ao abrir, o rosto do professor se alterou completamente, olhando incrédulo a filha.

— Larah! Mas... O que faz aqui? Como me achou? Quando chegou da Inglaterra?

— Calma, pai! Por que não começa me abraçando e me beijando? — propôs ela, estendendo os braços para o pai.

— Oh, filha! — exclamou o professor, enternecido, estreitando-a contra o peito e beijando seu rosto.

Respirou fundo, como se aquela saudade morresse dolorosamente dentro dele. Reteve a filha nos braços, sentindo-se bem em tê-la junto de si.

Quando se afastaram, finalmente, olharam-se nos olhos. Larah sorriu, acariciando os cabelos brancos do pai com uma ternura comovente.

— É o mesmo de sempre, pai. Você não muda nunca?

— E você está muito bem... Deve estar cansada...

— Faminta!

— Venha, venha comigo. O taverneiro tem uma ótima cozinheira você verá.

A garota arriscou, então, uma olhada sobre o quarto ocupado pelo pai. Sua atenção foi atraída pelos livros velhos sobre a mesa.

— Que trabalho está fazendo agora?

— Algo diferente fascinante, mas discutiremos isso mais tarde. Agora venha, vamos comer alguma coisa — disse ele, rodeando-a pelos ombros e levando-a pelo corredor.

Desceram para o salão. O professor ordenou que o taverneiro servisse uma boa refeição, depois foi acomodar a filha numa das mesas.

Quando se sentou, seus olhos pousaram sobre a figura sorridente de Klauss, bebendo com alguns amigos. O professor julgou aquilo algo realmente estranho, já que o oficial de polícia estava às voltas com um caso realmente fantástico.

— Espere-me só um momento, filha — pediu ele, levantando-se e indo até Klauss.

— Parece-me feliz, professor...

— Sim, não revia minha filha há muito tempo... É uma garota fantástica, mas... Estou estranhando seu comportamento, oficial. Esteve no castelo?

— Sim — respondeu Klauss simplesmente, batendo no balcão e ordenando que lhe enchesse o copo.

O professor não conseguia entender aquela calma e aquela indiferença.

— E o que descobriu lá?

— Não pude entrar, como o senhor...

— Mas viu as marcas, não?

— Sim, mas tudo muito indefinido, professor. A seca foi intensa, a ventania levantou muita poeira. Essa poeira foi lavada pela chuva, acumulando-se às margens das correntes que se formam naturalmente... Não creio que uma carroça poderia ter entrado lá...

O professor olhou-o estupefato.

— Crê realmente nisso?

— Sim, por que não?

— E a que atribui o que houve no cemitério?

— Alguma brincadeira dos jovens, nada mais. Descobriremos.



## CAPÍTULO 5

Ao fim da tarde, pouco antes do escurecer, o vento mediterrâneo voltou a soprar, gerando um mormaço desagradável. Das margens do rio uma neblina densa começou a se formar, sendo levada pelo vento na direção da cidade.

As nuvens do céu começaram a correr, apresentando claros que deixavam ver as estralas cintilantes, mas logo a neblina tornou tudo apenas um véu, dominando a paisagem, cobrindo os telhados, dando às árvores desfolhadas contornos assustadores.

Baja estava à porta da taverna. Mas conseguia enxergar o outro lado da rua e isso o aborrecia. Talvez Nadji, com aquela noite tão tenebrosa, desistisse de comparecer ao encontro.

Uma secreta esperança ainda o animava, no entanto. A neblina era, também, muito conveniente. Ambos poderiam atravessar a cidade juntos até. Talvez isso animasse Nadji, ao invés de assustá-la.

Acendeu um cigarro, deixando-o no canto dos lábios. e levantou a gola de sua jaqueta contra a umidade e avançou pela noite. Conhecia o caminho, conhecia toda a região muito bem. Não foi difícil chegar ao celeiro abandonado e instalar-se.

Havia um lampião providencial a um canto. Baja acendeu-o em chama baixa, depois foi se estender sobre o colchão de palha improvisado pelos rapazes. Pensou em Nadji, pensou em sua adorada com toda a sua paixão, desejando-a, antecipando fantasias, deixando crescer dentro de si o desejo de tê-la, de cobrar a promessa feita, de amá-la inteiramente, fazendo-a mulher e sentindo-se homem.

Seus ouvidos estavam atentos aos ruídos do caminho e seu corpo sobressaltou-se numa esperança cheia de excitação. Ele se pôs em pé num

salto e correu para a porta. O rosto assustado e belo de Nadji surgiu diante dele.

— Nadji! — murmurou ele. — Pensei que não viesse...

— Estou aqui... Úmida, assustada, mas estou aqui — disse ela, empurrando para trás a capa que trazia nos ombros.

— Nadji! — exclamou ele, tomando-a em seus braços e beijando-a ardentemente.

O tremor do corpo dela a fazia ainda mais desejável. Seu perfume jovem e insinuante, seu corpo macio e tentador, sua presença sedutora, tudo isso o fez vibrar intensamente.

Movidas pela paixão, suas mãos avançaram sofregamente pelo corpo dela, reconhecendo as curvas macias, subindo e descendo avidamente aclives rijos e tentadores.

Nadji entregou-se aos abraços e carícias do namorado, deixando-se contagiar pelo desejo dele, fazendo explodir dentro de si a firme intenção de entregar-se a ele. Sua respiração acelerou-se e suas mãos buscaram o corpo de Baja para retribuir atabalhoadamente as carícias que a incendiavam.

Lentamente ele a conduziu até o colchão de palha e a fez deitar-se. Seu corpo cobriu o dela e a sensação experimentada por ambos foi do mais puro prazer.

A volúpia contagiou-os definitivamente. Ofegante e sôfrego, Baja a beijou nos lábios, no rosto, nos olhos, nos ombros, excitando-a, provocando-a ao extremo.

Todo tempero ardente e voluptuoso explodiu em Nadji, manifestando-se em murmúrios entrecortados que escapavam de seus lábios sensuais.

Baja desejou-a nua e suas mãos caminharam apressadamente pelo corpo dela, surpresas e deliciadas por não encontrarem barreiras nas peças íntimas.

Nadji desejou-o igualmente e suas mãos procuraram despi-lo. Seus lábios se encontravam a todo momento, nos beijos mais eloqüentes. O contato de suas peles, finalmente, levou-os à vertigem irreversível da paixão. A sensualidade libertou-se toda em febrilidade.

Rolaram apaixonadamente sobre a palha, as mãos tecendo as carícias mais íntimas os dedos roçando as peles, tocando, apertando, pressionando.

Baja sugou-lhe o pescoço demoradamente, depois os ombros e, finalmente, os seios jovens e empinados. Nadji arqueou o corpo, deliciada pela carícia que provocava um verdadeiro turbilhão de sensações dentro de si.

Agarrou-se a ele possessivamente, pedindo a continuidade daquele toque estonteante. Suspiros escapavam de seus lábios. Suas mãos se moviam apressadamente pelo corpo de Baja, sentindo-o apertando-o contra si, sufocada pelas carícias coordenadas que lhe roubavam a vontade e a alucinavam.

O desejo sugeria a pressa, mas a paixão lembrava um longo e delicioso caminho, palmilhado pouco a pouco e assim, dentro da noite, entregaram-se àquela descoberta maravilhosa que os fazia unidos num só sentimento, numa só explosão de prazer.

\*\*\*

Torg tivera muito trabalho naquela noite. Comprar madeira na cidade e reconstruíra precariamente a escadaria que levava aos pavimentos superiores do castelo.

Um dos aposentos, um enorme quarto sem janelas, fechado por uma enorme e pesada porta, merecera sua especial atenção. Ali ele instalara o ataúde roubado e acendera algumas tochas. Quando terminou, subiu a uma das torres e ficou observando o céu.

A neblina tornara-se mais espessa ainda, mas Torg estava certo de que veria, tão logo ela surgisse no céu. Esperou pacientemente, com a calma de quem esperara havia anos pelo momento certo.

Em sua mão trazia o misterioso anel e fitava-o, como magnetizado pela pedra enorme e cor de sangue. Estremeceu, subitamente, quando a pedra cintilou palidamente. Levantou o rosto para o céu, fitando o ponto onde a lua deveria surgir.

Gradativamente, compondo-se sobre a neblina, seu disco prateado delineou-se no céu. O corcunda gargalhou, saltitando de felicidade, o corpo retorcido numa dança macabra e imprudente.

Estacou, finalmente, ofegante e levantou o anel para o alto. A pedra brilhava agora mais intensamente. O corpo todo do corcunda começou a tremer de impaciência.

— Venha, ele chama... Tragam sua pureza... A vida que corre em suas veias e correrá nas veias do mestre... Venham... Venham... — continuou repetindo, a voz gutural parecendo rasgar o véu de neblina e rumar decididamente para a cidade.

\*\*\*

Nadji havia se vestido rapidamente, como se um súbito pudor tomasse seu corpo, agora que se fizera mulher. Parecia envergonhada, mas Baja procurou demonstrar toda a sua compreensão e sua ternura.

Enlaçou-a em seus braços, olhando-a nos olhos. À luz pálida e bruxuleante do lampião o rosto da garota ganhava uma beleza excitante, tentadora, quase misteriosa.

— Nadji, amor, nada mudar agora. Eu a quero ainda mais entende? Quero-a para mim, para sempre... Meu pai me prometeu um pedaço de terra... Vou cultivá-la, construir uma casa... Quando... — interrompeu-se ele, fitando-a demoradamente.

Nadji parecia não ouvi-lo. Seus olhos estavam diferentes, fitando um ponto qualquer do celeiro.

— Nadji, você ouviu... — não chegou a terminar.

As mãos da garota se levantaram, firmando-se contra o peito do rapaz e empurrou-o definitivamente para trás. Baja ainda tentou retê-la em seus braços, mas havia uma força estranha nos braços que o repeliam.

— Nadji! — chamou ele, mas a garota voltou-lhe as costas e caminhou na direção da porta. — Aonde vai, Nadji? Precisamos conversar...

A garota abriu a porta do celeiro. A neblina penetrou, envolvendo-a e uma corrente de ar fez tremular a luz do lampião.

— Nadji! — insistiu ele, correndo até ela e enlaçando-a.

— Ele me chama! — disse ela e sua voz era estranha, rouca, forte, quase uivo.

— Quem a chama? — indagou ele, tentando mantê-la em seus braços, mas dominada por uma forma indescritível, Nadji ameaçava arrastá-lo.

Baja se adiantou, postando-se diante dela, olhando seu rosto desfigurado. O vento batia nos cabelos da jovem, desgrenhando os e agitando suas roupas.

— Nadji, sou eu Baja! — disse ele, recuando.

A garota parecia não vê-lo. Olhava um ponto qualquer adiante e continuava caminhando, Baja segurou-se, então, pelos ombros, balançando-a, tentando livrá-la daquele transe.

— Deixe-me ir! — ordenou ela e sua mão bateu contra o rosto do rapaz.

Suas unhas traçaram sulcos que se cobriram de sangue e fizeram Baja cambalear, horrorizado, quase cego pela dor.

— Nadji! — gritou ele, mas ela continuava caminhando pela estrada.

Baja levantou os olhos, então, tentando ver o rumo que ela tomaria. Dentro da neblina, o contorno macabro do castelo maldito se destacavam como um lúgubre pressentimento.

O rapaz ficou ali, indeciso, trêmulo, confuso, à beira da loucura. Olhou as luzes da cidade, brilhando palidamente dentro da neblina.

Alguma coisa sinistra estava acontecendo. Algo que ele não conseguia adivinhar, mas que o assustava terrivelmente. Correu, então, na direção da cidade.

Estacou alguns passos depois, olhando o estranho cortejo que caminhava na sua direção. Conhecia cada uma daquelas garotas, muitas em trajes de dormir, as camisolas, esvoaçando, os cabelos acompanhando os caprichos do vento.

Chamou-as uma a uma. Tentou detê-las, mas todas pareciam possuídas daquela forma que se manifestara em Nadji. Baja permaneceu atônito, repetindo seus nomes, até que todas se perdessem no silêncio da neblina.

O rapaz caiu de joelhos e cobriu o rosto com as mãos, preso de um desespero que beirava as raias do horror. Subitamente, tomado de decisão, levantou-se e correu como um louco na direção da cidade.

\*\*\*

Torg havia arriado a ponte e recolocado as pranchas.

Estava ali, parado, esperando. Sabia que elas viriam. Um sorriso satisfeito desenhou-se em sua boca disforme quando a primeira delas surgiu de dentro da neblina.

Logo atrás vieram as outras, uma após outra, algumas lado a lado, todas olhando firme para frente, como se enxergassem e caminhassem para o seu futuro.

Torg esperou que todas elas passassem, depois retirou as pranchas e levantou os travessões da ponte levadiça. Em seguida correu pelo pátio, coxeando.

Entrou no castelo. As jovens estavam todas na ampla sala, iluminada apenas por uma tocha num canto discreto.

— Venham, garotas. Ele as espera — disse o corcunda, rumando para a entrada do calabouço.

Uma a uma delas o seguiram pelo corredor úmido até aquele aposento onde se encontrava o jazido de pedra. Como se cada uma delas conhecesse sua posição naquele estranho ritual, traçaram um círculo ao redor do túmulo.

Torg, então, retirou de um nicho na parede a caixa de prata e se aproximou, solene e compenetrado do jazido. Abriu lentamente a caixa e olhou as cinzas humanas lá dentro.

Um odor fétido, enjoativo, tomou conta do ambiente, mas os rostos das jovens continuavam impassíveis, olhando todas na direção do jazido.

Torg, então, esparramou as cinzas no interior do túmulo, depois se afastou alguns passos.

— Aproximem-se para adorá-lo, virgens — ordenou.

As jovens se adiantaram, ajoelhando-se diante do túmulo, as cabeças pendendo sobre as cinzas. Torg desembainhou, então, uma afiada faca de prata.

A lâmina polida faiscou, refletindo desvairadamente o brilho do fogo das tochas. Torg se aproximou de uma das garotas. A faca roçou o pescoço delicado, sobre a veia jugular.

— Sua pureza o salvará... Sua beleza será eterna... Ele saberá recompensa-las — disse, enquanto o fio da lamina deslizava sobre a pele e o sangue esguichava sobre as cinzas do túmulo.,

O corpo da garota pendeu para frente, estremecendo, agonizando. Torg repetiu a operação com a segunda garota, repetindo as mesmas palavras, como se tudo fosse parte de um ritual.

Pouco a pouco o sangue das virgens foi cobrindo as cinzas dentro do túmulo. A última delas agonizava agora, seu sangue esguichando, vermelho-vivo, quente, pulsando vida.

Torg, então apanhou o anel e o depositou ao lado do túmulo depois recuou. Só então olhou a lâmina da faca, antes polida agora enegrecida. Os olhos do corcunda esbugalharam-se e, pela primeira vez, um brilho de vida pareceu cintilar em seus olhos.

— Não, uma delas era impura... Uma delas não merecia... Mestre! — berrou ele, e suas palavras ecoaram pelas paredes sombrias do castelo.

Mas o eco de suas palavras desapareceu, abatido por alguma muralha de pedra, um ruído se ergueu daquele túmulo cheio de sangue.

Parecia uma voz queixosa, entrecortada, gorgolejante, sufocada, lembrando os últimos suspiros de um animal agonizante.

Depois, cresceu ainda mais num grito prolongado de animal como um uivo cheio de horror, como se uma fenda se abrisse na terra e deixasse escapar o unísono das lamentações do inferno.

Aquele ronco animal tornou-se estridente, exuberante, como as vozes de mil demônios na vitória do mal, no louvor das trevas.

Repentinamente, porém, transformou-se num lamento rouco e dolorido. Uma mão se levantou e tateou as pedras, até encontrar o anel, recolhendo-o, trêmula e fraca.

Torg olhou cada uma das garotas. Uma delas era impura, uma delas traíra sua virgindade e seu mestre. Ele se aproximou hesitante do túmulo e olhou em seu interior.

Um ser disforme, a pele macilenta, ligeiramente esverdeada, olhos chamejantes, mas cansados, dentes pontiagudos onde se destacavam duas presas alongadas que cobriam os lábios inferiores pálidos e descorados.

— Mestre... Perdão! — suplicou o corcunda, caindo de joelhos.



— Torg, seu aborto da natureza, seu imprestável filho de um súcubo! O que foi que fez? Onde estão minhas forças? Onde está minha juventude? Percebe o que fez? Percebe o que fez, maldito! — lamentou o estranho ser, as mãos se unindo num esforço supremo diante dos olhos.

— Uma delas era impura, mestre. Seu sangue não o ajudou...

— O que está esperando? Encontre outra... Rápido ou será tarde demais... Encontre outra virgem ou sugarei seu sangue até a última gota — rugiu o vampiro, as presas arreganhadas, a boca pastosa, a voz como o guinchar de um rato moribundo.

— Sim, mestre! Eu encontrarei outra... Eu juro... Sairei agora mesmo...

— Onde está meu ataúde?

— Lá em cima... No antigo quarto...

— Ajude-me a chegar até lá... A terra me ajudará a suportar a espera...

O corcunda se inclinou, estendendo suas mãos. O vampiro agarrou-se a elas com uma força que espetava. Suas unhas cravavam nas carnes do Torg, mas ele, num esforço sobre-humano, ergueu o ser do seu túmulo.

— Tem de ser rápido, Torg... Não esperei tanto tempo para reviver por nada... O mundo será meu novamente... Ninguém ousará me destruir...

Lentamente Torg o levou pelo corredor, depois pela escadaria, até o aposento onde estava o ataúde. Enquanto o ajudava, Torg tentava descobrir onde encontraria a virgem que devolveria toda a força e o vigor de seu mestre. Lembrou-se, então, daquela garota que vira no carro, diante da taverna.

## CAPÍTULO 6

Larah debruçou-se sobre o ombro do pai, olhando os livros espalhados sobre a mesa. Ele tentava agora restaurar uma folha de papel que teimava em desmanchar-se entre seus dedos.

— O que há de importante nesses livros? — indagou a garota.

— Ainda não sei... E vai levar um bom tempo até que saiba — ponderou ele.

Nesse instante, bateram na porta do quarto.

— Eu atendo — disse ela, caminhando até lá e abrindo a porta.

Um policial encarou-a, surpreso por instantes. Ao ver o professor se levantar, ao fundo do aposento, olhou-o com interesse.

— Professor Hilgenstiller, eu suponho...

— Sim, o que deseja?

— O oficial Klauss quer vê-lo na chefatura. Disse que o assunto talvez possa interessá-lo...

— Está bem, irei em seguida. É o tempo de apanhar um casaco — respondeu o professor.

O oficial se retirou. Larah foi ajudar o pai se vestir.

— Voltarei assim que possível... Ainda se lembra de suas lições de restauração de papéis antigos?

— Não fiz outra coisa nos últimos seis meses na Inglaterra. Estava apenas esperando que me convidasse...

— Pois então, sirva-se. Escolha um dos livros e mão à obra — disse ele, inclinando-se para beijá-la.

Larah acompanhou-o até a porta. Em seguida, retornou para junto da mesa de trabalho e examinou os livros ali. Nenhum deles parecia conter alguma coisa interessante.

Olhou, então, a caixa onde o professor trouxera todo aquele material da biblioteca. Havia ali alguns livros ainda, em péssimo estado.

Larah debruçou-se sobre a caixa e manuseou cuidadosamente cada um dos livros. Sua curiosidade foi despertada por um dele, encadernado em couro vermelho, roído em alguns pontos descolorado em outros.

Havia uma inscrição sobre a grossa crosta de sujeira e bolor que se acumulara sobre o couro. A garota levou o livro para perto da luz e apanhou uma espátula. Cuidadosamente procurou descobrir a inscrição.

— Genealogia dos Drácula — leu ela, finalmente.

Pensou por instantes. Já ouvira aquele nome antes. Com certa curiosidade foi passando cuidadosamente as páginas, até parar numa delas onde havia uma gravura.

O artista talvez houvesse exagerado nos detalhes macabros daquela figura e isso avivou totalmente a memória da garota.

— Drácula... — O vampiro do vale de Tisza... — murmurou ela, agora interessada no assunto.

O livro estava todo ele escrito em latim da idade média, uma língua que Larah dominava com perfeição. Começou a ler, reconhecendo a importância do que tinha diante de si. A medida que avançava pelas páginas quase desfeitas pelo tempo, uma sensação incomoda de entrar em contato com algo tão fantástico dominou-a, inquietando-a.

Um pressentimento de que qualquer coisa a rodeava naquele instante a fez arrepiar-se. Um ruído num local indefinido sobressaltou-a.

Levantou os olhos, examinando o aposento. Pela janela que dava a uma sacada, nos fundos da taverna, pôde ver a neblina num céu compacto, encobrindo a noite.

Continuo a leitura, apesar disso, já que a narrativa sobre o último dos Drácula se tornava interessante e reveladora. Era fantástico, assustador. Como cientista que era, atribuiria tudo aquilo à fantasia e às superstições dos moradores do vale.

Os depoimentos, os testemunhos, as revelações, um estudo completo e minucioso de algum historiador desconhecido, no entanto, faziam-na quase acreditar que um dia vagara por aquelas terras um ente fantástico, um

parasita infernal que vivia do sangue alheio e impusera um reinado de terror.

Novamente outro ruído sobressaltou-a. Algo afastado, surdo, distante, como o tropel de cascos e o girar de rodas sobre pedras.

Levantou os olhos para a janela, incomodada. Pensou por instantes no que ouvira sobre Drácula. Fora algo recente, ali mesmo em Tisza, há cerca de um século. Houvera um Drácula ali naquele tempo, mas o livro mencionava com uma convicção indubitável o último Drácula.

Um ruído inquietante, agora, a fez levantar novamente os olhos para a janela. Incomodada, levantou-se e foi até ela. Pode observar da sacada que se ligava às outras dos aposentos contíguos, mas era difícil distinguir, na neblina, se havia uma escada ou não conduzindo ao solo.

Voltou as costas para retornar ao livro, mas o som nítido de passos desiguais a fez se voltar para a janela. Reprimiu o espanto ao ver aqueles olhos grudados ao vidro, olhando-a fixamente.

Um grito subiu-lhe aos lábios, mas foi travado no último instante por uma vontade superior à da garota. Um medo extremo invadiu-a, fitando aquele rosto disforme e aqueles olhos dominadores.

\*\*\*

O professor se inclinou e segurou o queixo de Baja, fazendo-o levantar a cabeça. Os olhos do rapaz o fitaram com espanto. Havia neles algo que impressionava, que convencia.

— Marcas de unhas... Profundas... Onde está o médico?

— A caminho — respondeu Klauss, traindo em seu tom de voz a confusão que o assaltara.

Realmente não sabia o que fazer no momento. As declarações confusas de Baja não tinham sentido, não havia lógica alguma no que ele dizia.

O professor se voltou para ele.

— O que pretende fazer, oficial? — indagou.

— Esperar o dia amanhecer... Não creio que devamos incomodar as famílias todas... Nem ir ao castelo... Afinal, o que pode estar acontecendo lá?

O professor Hilgenstiller, como homem de ciências, desejava acreditar na decisão de Klaus. Parecia ser a medida mais acertada. Baja estava fora de si.

Era, no entanto, justamente esse ponto que despertava a curiosidade do professor e o fazia pensar a respeito. Estivera no castelo, vira as marcas daquela carroça. Klaus nada comprovara. O oficial parecia procurar não acreditar em algo que estava dentro dele. Essa contradição era gritante, intrigante.

— Não acha que deveria, por uma questão de consciência, ir até a casa de uma dessas garotas? — ponderou o professor.

— De qual delas?

— O rapaz disse alguns nomes...

— Professor, temos três, quatro, cinco, dez, inúmeras pessoas com nomes idênticos nesta cidade. Pode imaginar o tipo de amolação a que sujeitaria as famílias? Depois ainda há algo... — interrompeu-se ele, olhando Baja, depois o professor.

— Sim?

— Por que alarmá-los? Se alguma das garotas, como o rapaz disse, tivesse saído de casa numa noite dessa, não acha que as famílias dariam pela falta e já teriam me comunicado isso?

— Bem, acho que tem razão... Mas o rapaz...

— Rapazes bebem, professor. Rapazes andam por aí, assustam-se com facilidade...

— E unham-se a si mesmos — completou o professor, olhando o rosto de Baja, agora mudo, estático, como se tivesse caído num estado de letargia e alheamento.

— Investigaremos isso quando amanhecer. Estou certo que encontrarei uma boa resposta...

— Avise-me quando isso acontecer — disse o professor, despedindo-se.

Deixou a chefatura. A neblina tornava-se mais densa e úmida. O professor levantou a gola de seu casaco e caminhou pelas pedras lisas do calçamento.

Um ruído chamou sua atenção, quando se aproximou da taverna. Parecia o som de uma carroça, mas quem se aventuraria a sair numa noite daquelas?

Apressou o passo, como se quisesse deixar para trás uma resposta incomoda que girava em sua mente. Lembrou-se do temporal da noite passada. Que carroça arriscaria circular com um tempo daqueles?

A sensação de que havia qualquer coisa acima de sua compreensão foi se estabelecendo dentro dele. Havia, realmente, algumas perguntas sem respostas. O ataúde roubado do túmulo, o que Baja contara, o horror no rosto do rapaz, aqueles arranhões...

— Que tal um pouco de vinho, professor? — indagou o taverneiro assim que ele entrou.

O professor se sentiu tentado a aceitar, mas aquela sensação incomoda dentro dele o fez olhar na direção da escada. Pensou nos livros, pensou em Larah, pensou na carroça e algo o fez subir as escadas apressadamente.

Empurrou a porta, ao mesmo tempo em que chamava:

— Larah!

Um estremecimento percorreu seu corpo ao ver a janela aberta e a neblina dançar diante de seus olhos.

— Larah! — chamou novamente, correndo até a janela.

Nitidamente dentro da noite, ouviu o som da carroça, agora se afastando. Os cascos pisando as pedras pareciam gritar uma canção fúnebre, angustiante, monótona.

— Larah! — insistiu, deixando seu quarto e indo bater na porta do quarto que fora destinado a ela.

Sem obter resposta, girou o trinco e empurrou-a. O quarto estava vazio. O professor retornou ao seu próprio quarto, parando à porta, confuso, indeciso, incapaz de pensar com clareza e serenidade.

Viu, então, aquele curioso volume de trabalho. Correu até lá e debruçou-se sobre ele. Observou a capa. Aquele nome estalou em sua mente como a pior das deduções, como a pior das ameaças ao seu coração de pai.

— Larah! — gritou ele, sentindo que seu espírito científico cedia à superstição, ao medo. — Larah! — gritou novamente, precipitando-se pelo corredor, na direção da escada.

\*\*\*

A carroça subiu a ligeira encosta aos solavancos.

Torg manobrou-a com perícia sobre a ponte levadiça, freando-a junto à porta da entrada. Pensou em erguer a ponte levadiça, mas não havia tempo. A eternidade de seu mestre dependia daquele belo fardo humano que ele tomou nos braços.

Rapidamente atravessou a ampla sala, subindo as escadas improvisadas e chegando diante do quarto onde Drácula repousava, à espera de sangue fresco que lhe restituísse a vida totalmente.

O corcunda empurrou a porta e se aproximou lentamente do ataúde. Próximo dele, depositou o corpo de Larah sobre as pedras frias.

— Mestre, ela está aqui — murmurou ele.

As mãos macilentas, quase descarnadas do vampiro se apoiaram às bordas do ataúde. Um gemido lento, prolongado, cavernoso ecoou pelas paredes, enquanto ele se erguia lentamente.

O horror estampou-se nos olhos de Torg. Drácula era um homem de um século, envelhecido extremamente, como se seus tecidos já estivessem em decomposição.

— Onde está ela? — indagou Drácula, a voz por um fio, num lamento rouco, lento, aterrador.

— Aqui, mestre — disse o corcunda, debruçando-se sobre Larah por instantes.

Lentamente, então, a garota se levantou. Seus olhos estavam fixos na figura horripilante do vampiro, mas não havia medo no seu olhar.

Os olhos do vampiro, então chamejaram, injetados. Sua boca arreganhou-se como a de uma fera enlouquecida e as presas pontiagudas cintilaram, refletindo as chamas das tochas.

Lentamente seu corpo enfraquecido desceu do ataúde e se ergueu diante de Larah. Vestia roupas antigas. Uma capa preta enorme cobria seus ombros e se arrastava no piso, escarlate em seu forro interior.

— Eu a recompensarei, Torg. Ela será minha rainha, minha esposa, minha vida — disse o vampiro, abrindo os braços.

Seu corpo esquelético, semi-curvado, contrastou contra o escarlate do forro da capa. Sua boca se abriu ainda mais. As presas pareceram crescer, roçando seu lábio inferior.

Um som rouco escapou da garganta do vampiro, quando parou diante de Larah, olhando sua beleza, sua juventude, sua vida. Seu olhar se concentrou no pescoço sensual, torneado, delicado.

Torg pressentiu o que aconteceria e recuou até tocar a parede. Não conseguiu, no entanto, afastar seus olhos da cena, como se aquilo o maravilhasse e excitasse.



— Torg, meu fiel escravo... Você se superou... Ela é linda... —  
rouquejou o vampiro, as mãos resvalando pelos seios da garota. — Carnes  
rijas... Tentadoras... Sinto meus apetites voltando, Torg... Devo saborear  
isto até o extremo... — Esperei muito...

Suas mãos flácidas, ósseas, de unhas pontiagudas tocaram a cintura de  
Larah, escorregaram para suas nádegas, apertando suas carnes.

Mais e mais cintilavam os olhos do vampiro, como se o prazer daquele  
momento ultrapassasse sua expectativa. Seu corpo se aproximou mais e  
mais de Larah, roçando o dela, esfregando-se com volúpia.

Suas mãos pareciam encontrar vida, sentindo a maciez daquelas carnes  
jovens, pressionando-as, cravando-lhes as unhas, massageando-as.

Sua cabeça pendeu. Seu hálito fétido varreu o rosto belo e impassível  
da garota. Seus lábios roçaram os dela num beijo desumano, antes de  
escorregarem num beijo desumano, antes de escorregarem para o seu  
queixo e depois para o seu pescoço.

A vida se oferecia aos dentes do vampiro, mas ele parecia retardar o  
momento de sorvê-lo gole a gole, como se houvesse um prazer maior,  
compensador.

Seus braços se fecharam ao redor do corpo da garota. Drácula ofegou,  
a respiração acelerando, um gemido brotando de sua garganta, crescendo,  
ecoando pelas paredes, provocando calafrios no corpo de Torg, como se um  
animal ferido reunisse todas suas forças num último urro, num último  
arranco.

A sua boca abriu-se ainda mais e suas presas pareceram conhecer o  
caminho exato, tocando a pele do pescoço de Larah sobre a veia jugular.

Espasmos percorreram o corpo disforme e monstruoso. Aquele urro se  
transformou num uivo. Larah estremeceu. As presas pontiagudas vararam  
sua pele e o sangue brotou. Resfolegando, o vampiro procurou não  
desperdiçar nem uma gota sequer.



## CAPÍTULO 7

A neblina que o rodeava parecia confundi-lo ainda mais, desorientando-o. Seu desespero interior explodia numa impaciência agressiva, como se pudesse defender a filha esmurrando o ar.

Todas aquelas superstições malucas gravitavam ao seu redor, encontrando um eco profundo em seu coração de pai. O professor Hilgenstiller hesitou, sem saber que atitude tomar.

O taverneiro jurara não ter visto Larah sair. Aquela janela aberta, o livro sobre a mesa, o barulho de uma carroça, idéias alucinadas, tudo isso gerou um medo que abalou toda a sua confiança interior.

Pensou em ir até a chefatura e narrar o acontecido a Klauss, mas aquele não era o tipo de ajuda de que precisava. Vira o que acontecera a Baja. Por mais que jurasse a respeito do que vira, Klauss preferiu ignorar.

Concluiu, então, que só havia uma coisa a fazer. Deveria ir até o castelo e verificar o que se passava lá. Talvez precisasse de alguma arma, mas haveria um tipo especial de arma para o que iria ter que enfrentar?

Mal chegou a essa conclusão e já avançava pela noite, envolto pela neblina, na direção, torcendo para não perder a direção.

Havia, seguramente, qualquer coisa perigosa no ar. Poderia ser apenas um louco, um fanático ladrão de relíquias, um maníaco sexual. Suposições como essas, mais concretas e mais aceitáveis lutavam para se impor sobre uma outra, irreal, fantástica demais, terrível demais.

As luzes da cidade ficaram para trás. A neblina estava densa, mas possivelmente a luz no céu produzia uma claridade que impregnava a neblina.

O professor reconhecia a estrada, as valas à beira do caminho, a trilha que percorrera naquele mesmo dia. Dentro em pouco os contornos do castelo foram se definindo dentro da noite.

Aquele silêncio aterrador parecia infiltrar-se pela pele dele, fazendo-o apressar o passo, temeroso pela filha, ansioso para pôr um fim a tudo aquilo.

Avançou na direção da ponte levadiça, tentando imaginar como faria para atravessá-la. Estacou, surpreso, as deduções tomando forma. Baja estava certo, talvez. A ponte levadiça fora preparada para dar passagem.

Grossas pranchas atravessaram os suportes. O professor hesitou, temeroso pelo que teria de enfrentar lá dentro. Depois, lentamente, foi avançando.

Percebeu as formas de uma carroça ao fundo, ainda atrelada a um cavalo. A neblina não o permitia ver detalhes. Pensou em se aproximar, mas viu a fraca claridade que teimava em se derramar pela porta.

Caminhou para lá, entrando cautelosamente. Uma tocha iluminava a ampla sala em ruínas. A escada recém-construída aos fundos chamou-lhe a atenção, assim como a claridade que vinha das tochas acesas no calabouço.

Por instantes ficou imóvel, atento, procurando ouvir algum ruído. Depois avançou na direção do calabouço. Viu um traseiro antigo, enferrujado, caído perto da porta. Apanhou-o. Era pesado e lhe pareceu uma boa arma.

Desceu lentamente a escada, até o corredor úmido. O silêncio sepulcral do castelo era aterrador. As tochas pareciam indicar o caminho e o professor caminhou, seguindo-as até a porta daquele aposento.

Notou que estava trêmulo. Suas mãos se firmaram ao redor do metal, seus músculos se retesaram, prontos para desferir um golpe, enquanto avançava lentamente.

A princípio não entendeu o que via. Num círculo macabro, sete jovens, algumas em trajes de dormir ainda, estavam estendidas à beira do que lhe pareceu um túmulo. Suas cabeças pendiam para o interior e todas estavam imóveis.

O professor se lembrou das palavras de Baja. Ele estava certo, ele vira aquele cortejo na neblina. Avançou um pouco mais, até tocar uma das garotas.

Estavam todas imóveis, pálidas, frias, mortas. Um arrepio percorreu a espinha do professor ao se debruçar sobre uma delas. Segurando-a pelo rosto, girando-a para si. Aquele corte horrível em seu pescoço fez o professor estremecer e soltar o braseiro.

O metal ecoou sobre as pedras, enquanto o professor recuava até a parede. Entendia o que houvera ali. Aquelas jovens haviam sido mortas horrivelmente. Os cabelos de algumas estavam empapados de sangue.

Dominando o pavor, o professor avançou novamente. Era incrível, assustador, animalesco o que via. Não pôde entender, no entanto, aquela serenidade inacreditável nos rostos de cada uma.

Haviam sangrado até morrer e isso pareceu não intimidá-las, não provocar reações que seriam naturais. Teriam sido drogadas? Teriam sido dominadas por alguma forma violenta?

Avançou um pouco mais e debruçou a cabeça sobre túmulo. Esperou ver ali, talvez um lago de sangue, mas o túmulo estava seco.

Apenas umas e outras gotas tardias de sangue manchavam as pedras do fundo.

— Que morte horrível! — murmurou ele, tentando entender o motivo daquilo.

Repentinamente, como um alerta de perigo, como um grito desesperado de seu coração, ele pensou na filha. Olhou ao seu redor.

— Larah! — chamou baixinho, sentindo fugir-lhe a razão e o domínio de suas ações. — Larah! — gritou mais alto, deixando aquele aposento e avançando pelo corredor. — Larah! — voltou a gritar, quando chegava à sala.

Suas palavras ecoaram pelas paredes e o silêncio reinou por instantes. Repentinamente, porém, o ruído de uma velha porta se abrindo chegou a seus ouvidos.

Levantou os olhos para a escadaria precária, em madeira, como se algo importante houvesse lá em cima. Passos desiguais soaram. Um vulto disforme e desengonçado se desenhou no alto da escadaria, fitando-o irritado.

— Quem é você? — gritou Torg. — Vá embora daqui! Vá!

— Minha filha... Onde está minha filha? — indagou o professor, agora certo de que algo acontecera à jovem.

Avançou pela escada. O corcunda agiu como se estivesse fora de si, descendo ao encontro dele, ameaçador, cheio de uma fúria que espantou o professor.

Por momentos os dois se encararam, frente a frente. A mão do corcunda se ergueu e seu punho fechado foi uma ameaça que o professor não pôde ignorar.

— Onde está minha filha? — gritou ainda, antes que o pesado punho do corcunda o atingisse na cabeça, desequilibrando-o, fazendo-o cair, rolando pela escada.

O corcunda desceu em sua perseguição. O professor, em desespero, percebeu que não poderia enfrentá-lo. Havia uma força descomunal naquele homem disforme.

Ele tentou se levantar, então, o corpo dolorido pela queda, a cabeça girando numa infernal confusão. Sua mão tocou algo. Seus dedos se fecharam ao redor do cabo de um pesado martelo.

Quando Torg se inclinou sobre ele, o professor vibrou o martelo, atingindo a cabeça do corcunda, que urrou de dor e cambaleou.

O professor se levantou. Olhou o corcunda cair de joelhos correu para a escadaria, subindo-a apressadamente. Chegou a um corredor escuro, mas havia claridade logo à frente, saindo de uma porta.

Apressou-se até lá. O que viu beirava as raias do delírio, do pesadelo mais animalesco e fantástico, do horror mais extremo.

Aquela figura se voltou para ele, os dentes arreganhados, as presas brilhantes cobertas de sangue, os lábios vermelhos, os olhos injetados como se refletissem o fogo do inferno.

O corpo de Larah deslizou para o chão. A garota estava mortalmente pálida. Uma mancha arroxeada cobria seu pescoço.

— Quem é você? — indagou ele, como se a resposta fosse desnecessária, pois todos os seus temores se confirmavam.

A resposta foi um uivo bestial daquele ser, que abriu os braços e avançou para o professor, a capa esvoaçando. Por instantes o professor ficou estático, mas no último momento vibrou o martelo, atingindo a cabeça do vampiro.

Este apenas se desequilibrou ligeiramente, fitando o professor com um ódio mortal. Seus dentes rebrilharam e suas mãos se ergueram, ameaçadoras, como garras de um morcego, as unhas afiadas se curvando.

O professor olhou a filha, vítima da sanha implacável do monstro e um ódio supremo encheu seu coração. Ele atirou o martelo com todas as forças contra o vampiro, que pareceu nem sentir a pancada.

O professor recuou, percebendo, horrorizado, a inutilidade de suas ações. Ganhou o corredor. O vulto negro e esvoaçante a perseguiu. Hilgenstiller se precipitou pela escada, tropeçando nos últimos degraus, caindo ao lado de alguns pedaços de madeira.

Um deles cruzava sobre o outro e a imagem ativou no professor um instinto de defesa que jamais, em sua consciência, ousaria admitir.

Ele apanhou os dois pedaços e uniu-os em forma de cruz diante do corpo. O vampiro chegava ao meio da escadaria e, ao ver aquilo, parou, cobrindo os olhos com um dos braços.

Um uivo rouco e prolongado escapou de sua garganta e ele recuou, voltando a subir os degraus, como se fugisse daquela imagem diante dele.

O professor foi em seu encalço, pensando desesperadamente na filha. O vampiro entrou naquele aposento. O professor o seguiu. O vampiro encolheu-se contra uma parede, puxando a capa sobre o corpo.

— Maldito filho das trevas! — gritou o professor, com lágrimas nos olhos, olhando a filha caída e imóvel.

Precisava fazer algo e tirá-la dali o mais depressa possível. Movido pelo desespero, retirou de um de seus bolsos um lenço, abrindo-o.

Com ele firmou os dois pedaços de madeira em forma de cruz diante do vampiro. Depois tomou a filha nos braços, tirando-a dali. Olhou a pesada porta. Deixou o corpo da filha no corredor e apanhou o martelo. Depois desceu febrilmente as escadas e apanhou madeira e pregos, espalhados por ali ainda.

O corcunda estava caído, imóvel, mas em sua cabeça não havia o menor sinal do ferimento. Onde deveria haver um hematoma pela hemorragia interna havia apenas um leve sinal esbranquiçado.

O professor retornou ao aposento e puxou a porta, fechando-a. Depois procurou fechá-la da melhor maneira possível, entrelaçando os pedaços de madeira de um batente ao outro, cravando prego e mais prego sobre a porta.

Estacou, finalmente, contemplando seu trabalho. Estava ofegante, o coração aos saltos, a cabeça girando. Foi se debruçar sobre a filha. Ela respirava fracamente e estava muito pálida.

O sangue escorria do ferimento em seu pescoço e o professor rasgou um pedaço do vestido dela, improvisando um curativo. Tomou-a nos braços e desceu a escadaria, como se o desespero duplicasse suas forças.



Olhou o corcunda ainda imóvel, depois deixou o castelo. Atravessou a ponte levadiça. Larah estava inconsciente ainda. Precisava de cuidados e apenas isso ocupou a mente dele.

## CAPÍTULO 8

A cidade estava atônita. O professor estava perplexo naquele amanhecer, quando a neblina pouco a pouco ia dando passagem ao sol. Tudo parecia agora um terrível pesadelo, mas as provas de sua existência real estavam ao alcance dos olhos de quem desejasse ver. Na noite anterior, fugindo àquele inferno, Hilgenstilller, levava a filha para o precário hospital da cidade. Avisara Klauss. Apenas o notificara de que algo terrível acontecera no castelo e que ele deveria tomar precauções com aquele quarto no alto da escadaria.

Vendo agora, os homens retornarem, o professor mal podia conter sua expectativa. Fora uma longa e terrível noite, como se por algumas horas tivesse vivido uma lenda.

Klauss entrou na sala de visitas do hospital e encarou o professor.

— Como está ela? — indagou.

— Ainda não sei ao certo... Esteve no castelo? — indagou em seguida, temeroso, cúmplice.

— Sim, estive... — suspirou Klauss deixando-se cair pesadamente uma cadeira. — Foi horrível... Deve ter passado maus bocados, professor. Felizmente sua filha foi poupada...

— Sim, as outras tiveram suas gargantas cortadas e estão mortas...

— Esteve naquele aposento? — indagou o professor, com uma ansiedade que Klauss não pôde entender.

— Sim, estive... Deve ter presenciado um quadro não muito agradável... Compreendo sua ânsia em tentar lacrar o aposento definitivamente... Tivemos muito trabalho em desobstruir a porta...

— E então?

— Vimos o ataúde... Não entendo o que Baja pretendia, afinal...

— Baja? — surpreendeu o professor.

— Sim, Baja. Tudo está muito claro, o rapaz perdeu o juízo completo...

— Espere um pouco, oficial. Não consigo entender o que está tentando me dizer...

— É compreensível, professor. Passou por uma experiência traumatizante... Espero que sua filha melhore... Conversaremos quando estiver mais calmo e menos preocupado...

— Não, por favor, tem que ser agora — pediu o professor, agarrando o braço de Klauss, surpreendendo-o.

O oficial suspirou, entendendo toda a apreensão e o horror enfrentados por aquele homem.

— Baja será julgado e pagará por seus crimes... Não sei que satânica intenção o movia, mas estou certo que pagará por tudo.

— Será que não pode, apenas por um momento, admitir a verdade?

— Que verdade? — indagou Klauss, surpreso, alheio, cansado.

O professor esfregou as mãos sobre o rosto, tentando pensar com clareza.

— A carroça... Viu a carroça? E o corcunda? Ele estava lá, eu o golpeei...

Klauss olhou-o com profunda piedade.

— Acho que deveria repousar um pouco, professor. Estou certo que nossos médicos saberão cuidar da garota...

— Não, eu não posso. Diga-me que os viu... Que não está mentindo... Que havia algo além daquele ataúde no aposento... Eu o vi, Klauss. Eu o vi, como vejo você agora...

— Quem, professor?

— O vampiro... O último dos Drácula... Sei lá que denominação devo dar àquele ente infernal — desabafou o professor, aquela imagem agitando-

se em sua mente, aquelas presas brilhantes, aqueles lábios ensangüentados, aqueles olhos avermelhados, tudo como um pesadelo real.

Klauss passou as mãos pelos cabelos úmidos e tentou dizer algo, mas calou-se. A piedade se acentuou. Fora, realmente, imenso o golpe sofrido por aquele homem diante de si.

— Está bem, professor. Falaremos sobre isso mais tarde. Verá que o convencerei de que Baja matou aquelas garotas e quase matou sua filha, também. O rapaz está louco, isso é fato. Roubou o ataúde... Não sei ainda o que ele pretendia, mas quando ele voltar à razão talvez possamos saber desse mistério — disse Klauss, olhando-o por mais alguns instantes, depois se retirando.

O professor reclinou-se na cadeira, perplexo diante daquelas palavras e diante de suas próprias deduções. A dúvida instalou-se em seu espírito. O que houvera, realmente, naquele castelo?

Teria visto aquilo ou fora uma alucinação? Estava cansado, muito cansado, mas a preocupação com a filha o mantinha acordado. Além disso, havia muitas perguntas sem respostas convincentes, da mesma forma como havia respostas aterradoras, fantásticas, para cada uma daquelas perguntas. Lentamente, porém, como um sinistro temor que se instalou dentro dele, uma pergunta, talvez a mais importante de todas naquele momento, tomou corpo em seu cérebro.

A resposta teria de estar em alguma parte. Deveria haver alguma explicação lógica, científica, convincente. Estavam no século vinte, coisas como aquela já haviam passado há muito para a categoria de lenda. Mas a pergunta martelou seus sentidos, como uma ameaça a sua filha agonizante, como um sinistro manto que cobrisse agora a cidade de Kizna e estendesse suas fraldas sobre todo o vale de Tisza: onde estaria Drácula, o vampiro daquele castelo maldito.

**FIM DO LIVRO UM**

## **L P Baçan - O Mago das Letras**

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

**[www.acasomagodasletras.net](http://www.acasomagodasletras.net)**